

PERMANECER JUNTO À VÓS.

ELE PASSA.
O TEMPO QUE ME RESTA, PASSA.
AJUDAI-ME, SENHOR, A VIVÊ-LO
PERMANECENDO JUNTO A VÓS.

ELE PASSA,
E O TEMPO QUE ME RESTA, DESCONHEÇO
AJUDAI-ME A VIVÊ-LO NA CONFIANÇA.

ELE PASSA,
SEI QUE O TEMPO QUE ME RESTA É FRÁGIL.
AJUDAI-ME, SENHOR, A VIVÊ-LO
AMPARANDO-ME À VÓS.

ELE PASSA
ÀS VEZES, O TEMPO QUE ME RESTA, ME ASSUSTA.
AJUDAI-ME, SENHOR, A VIVÊ-LO NA ESPERANÇA.

ELE PASSA,
O TEMPO QUE ME RESTA É UM PRESENTE QUE VEM DE VÓS.
AJUDAI-ME A VIVÊ-LO PARA VOSSA MAIOR GLÓRIA.

ELE PASSA,
O TEMPO QUE ME RESTA, PASSA.
PEÇO-VOS, SENHOR, QUE ELE ME LEVE À VÓS.

EXTRAÍDO DA REVISTA “ CHAÏNON ” N° 214

Sumário de janeiro-fevereiro de 2012

Vida Espiritual

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2012
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 5 Ser uma Epifania de Esperança: as Filhas da Caridade de hoje
Conferência de 1º de janeiro de 2012 - Casa - Mãe - Rue du Bac
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 10 “O lava-pés dos discípulos”
I - A dignidade do trabalho
II - O trabalho como um serviço
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

Desafios Atuais

Hoje, com os Fundadores

- 26 Província de Cuba

A Comunidade Santa Catarina Labouré em missão em Baracoa
Irmãs da Comunidade Santa Catarina

- 30 Província de Santo Domingo
A Casa Rosa
A Comunidade da Casa Rosa

Atualidade das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 34 Província de Santa Luísa - EUA (ex-Província de Evansville)
A Divina Providência durante a enchente em Nashville no Tennessee
Irmã Sherry Barrett, Filha da Caridade
- 36 Província do Japão
As Filhas da Caridade confrontadas com a política japonesa de confinamento dos doentes de hanseníase, através da internação num leprosário chamado “sanatoriums”.
Irmã Andrea Ririki Hashimoto, Filha da Caridade

História da Companhia

- 42 História de um olhar sobre o pobre
- Um olhar que se forma, um olhar que se busca
- Um olhar centrado, um olhar fixo
- Um olhar que se expande, um olhar universal
Padre Jean Morin, cm

[Irmã Evelyne Franc, Superiora geral](#)

Carta de 1º de janeiro de 2012

Minhas queridas Irmãs,

Que a Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja conosco para sempre!

É com o Evangelho deste dia, que lhes apresento os meus votos de um santo e belo ano de 2012, que verá a abertura do Ano da Fé e a realização do *Sínodo sobre a nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*.

“Os pastores foram, pois, às pressas a Belém e encontraram Maria e José, com o recém-nascido deitado na manjedoura. Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino. E todos os que os ouviam ficavam maravilhados com as palavras dos pastores. Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc, 2, 16-19).

Desejo-lhes o alegre ardor e a simplicidade dos pastores para testemunhar sua fé em Jesus, o Filho de Deus. E se alguns ficarem surpresos do que vocês contarem, sua vida e seu serviço dos pobres confirmarão suas palavras. Com efeito, como escreveu o Papa Bento XVI em sua carta apostólica Porta Fidei:

“O ano da Fé será uma ocasião propícia também para intensificar o testemunho da caridade”. Pois, “aquilo de que o mundo tem hoje particular necessidade é o testemunho credível de quantos, iluminados na mente e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e a mente de muitos outros ao desejo de Deus e da vida verdadeira, aquela que não tem fim” (nº 14 e 15).

Desejo-lhes igualmente que sigam o exemplo de Maria, Mãe de Deus, para acolher e reler na oração, tudo o que o Senhor nos prepara para o ano de 2012.

Antes de render graças com vocês pelo ano de 2011 e de desenvolver meus votos, permitam-me agradecer-lhes pelas inúmeras mensagens que me foram enviadas por ocasião do Natal. Elas traduzem o amor pela vocação à qual o Senhor as chamou há dois, cinco, dez, trinta, cinquenta anos ou mais. Nessas mensagens percebi igualmente a alegria de todas de pertencer a Companhia, toda dedicação ao serviço dos pobres e as preocupações pelas Províncias, particularmente, aquelas que passam por provações.

De fato, são todos os continentes que sofreram, no ano passado, a ferida seja das catástrofes naturais, seja dos fortes abalos políticos ou de graves problemas econômicos, por vezes as três coisas ao mesmo tempo. Sentimos duplamente tais acontecimentos, pois se eles nos tocam por vezes pessoalmente, suas vítimas principais, em razão da injustiça flagrante de nosso mundo, são sempre os pobres que servimos.

Estas situações de crise são um novo apelo a nos comprometer para uma sociedade mais humana (cf. Documento Interassembleias p. 13 e 23) através de serviços concretos, nossa real preocupação de formação e de discernimento, bem como nossos esforços para alertar e conscientizar aqueles que nos rodeiam. Caritas Christi urget nos!

Encontramos esta mesma ideia na mensagem de 1º de janeiro do Papa Bento XVI destinada aos jovens e aos que estão em contato com eles. O Santo Padre explica o quanto é importante “*Educar os jovens para a justiça e a paz*”, estar à escuta das novas gerações e ajudá-las a trabalhar ao bem comum e a “*um reto uso da liberdade*”. As Irmãs do mundo da educação, da pastoral dos jovens, das obras sociais para crianças, as Irmãs envolvidas na formação conhecem bem estes desafios; desejo-lhes que possam extrair da mensagem do Papa uma renovada coragem e esperança.

Com as Conselheiras gerais, agradei, na ocasião de nossa celebração de final de ano, por todos os feitos marcantes em 2011 na vida da Companhia... O Encontro das novas Visitadoras designadas, o Seminário, a Beatificação de Irmã Margarida Rutan, o nascimento de três novas Províncias (Santa Luísa-EUA, Colônia-Países Baixos, Graz-Europa central), sem esquecer todas as nossas visitas nas suas Províncias que nos permitiram melhor compreender o contexto de vida e de serviço de todas, ficando lembranças preciosas.

O ano de 2012 será igualmente rico com o Encontro Interassembleias das Visitadoras em maio e dos Diretores provinciais em julho. Agradeço-lhes por colocarem estas duas reuniões, em suas orações, bem como a implantação de uma nova missão na República centro-africana em meados de 2012, que está confiada às Províncias da África Central e Eritreia e será, assim o desejamos, um sinal de esperança para os pobres e para a Companhia.

Para concluir, permitam-me retomar as palavras que Santa Luísa dirigiu à Irmã Cecília Inês, em 8 de janeiro de 1657:

“Peço-vos que neste ano novo, renoveis vossos primeiros fervores no serviço de Deus, para conseguirdes de sua bondade a graça da fidelidade e perseverança no cumprimento de sua santa vontade. Se soubésseis quão felizes sois por estardes num lugar onde tudo contribui para vossa perfeição, bendiríeis a Deus, a todo momento, por vos haver escolhido para este trabalho” (Correspondência e escritos, p. 604).

Sim, bendigamos a Deus em todos os momentos! Bendigamos-Lhe por seu amor infalível, bendigamos-Lhe pelas novas vocações, pela disponibilidade das Irmãs que, em 2011, aceitaram na fé uma mudança, por aquelas que partiram do Centro Internacional Missionário ou diretamente de suas Províncias de origem, para irem “mais longe”.

O Santo Padre termina sua carta apostólica Porta Fidei nestes termos: “*Confiemos à Mãe de Deus, proclamada “feliz porque acreditou” (Lc 1,45) este tempo de graça*”. Da mesma maneira, coloquemos entre as mãos de nossa única Mãe, o ano que começa afim de que ele seja um ano de graça, de ela missionário, um ano de crescimento espiritual para a Companhia!

Com minha dedicada afeição, asseguro-lhes minhas orações e meus votos de um bom e santo ano de 2012 para cada uma.

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Padre Gregory Gay, Superior Geral

Ser uma Epifania de Esperança: as Filhas da Caridade de hoje

Conferência de 1º de janeiro de 2012 - Casa -Mãe - Rue du Bac

Minhas queridas Irmãs,

Começarei desejando os meus sinceros votos de um feliz ano novo, a todas as Filhas da Caridade, aqui em Paris e no mundo inteiro, neste 1º dia de 2012. Rezo para que ele seja um ano de crescimento na graça do Senhor e um tempo para viver intensamente o carisma dos nossos fundadores, São Vicente e Santa Luísa.

“A Regra das Filhas da Caridade é Cristo” (C.8a). Estas palavras abrem a primeira parte das suas Constituições, intitulada “Doadas a Deus”. Expressam a convicção dos nossos fundadores que lembram muitas vezes a importância de enraizar o nosso serviço em Jesus Cristo. A fidelidade de nossa oração alimentada pela Palavra de Deus e a Eucaristia, permite aprofundar nosso amor por Jesus e orienta a maneira de viver nossa vocação no serviço dos pobres.

Sei que o Padre Patrick Griffin, seu Diretor geral, utilizou como tema para o retiro *Partir de Cristo* (instrução publicada pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada). Esta é uma instrução digna de interesse e pertinente para este novo ano. Como os apóstolos, sabemos que é em Cristo que “*temos a vida, nos movemos e somos*” (Atos, 17,28). Um ano novo nos dá tempo para refletir sobre o nosso ser e o nosso vir a ser em Cristo.

Hoje, vou oferecer-lhes alguns pensamentos que me vêm à mente ao ler esta instrução e a aproximação da festa da Epifania para ajudá-las a crescer em sua vocação. São Vicente e Santa Luísa nos ensinaram que nossa união ao Cristo faz frutificar o apostolado e a vida comunitária.

“Sim, deve-se partir de Cristo, porque d’Ele partiram os primeiros discípulos na Galileia, d’Ele, ao longo da história da Igreja, partiram homens e mulheres de todas as condições e culturas os quais, consagrados pelo Espírito à força do chamado recebido, por Ele deixaram famílias e pátria, seguindo-O incondicionalmente, tornando-se disponíveis para o anúncio do Reino e para fazer o bem a todos” (Partir do Cristo, n. 21).

Partir do Cristo não é somente uma instrução, mas ela trata da nossa maneira de viver. São Vicente e Santa Luísa enfrentaram desafios consideráveis que poderiam ter abalado sua fé ou tê-los desviado da vontade de Deus. Porém, suas ações mostraram que eles estavam “*disponíveis para anunciar o Reino e fazer o bem a todos*”. Nossos fundadores aprenderam como “partir do Cristo” para sua ânsia de buscar sua presença naqueles que viviam na pobreza e olhá-los como “uma manifestação do Cristo” entre nós.

As Constituições lembram esta convicção de São Vicente que dizia : “*o fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é para honrar a Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade, servindo-O corporal e espiritualmente na pessoa dos Pobres*”.

Os textos do Advento e do Natal, os hinos religiosos destas festas elevam o nosso coração ao Senhor. Lendo estes textos À luz do carisma vicentino, percebemos em primeiro lugar a presença de Deus no meio de nós, como aquele que é pobre. Jesus, Maria e José são pessoas comuns do seu tempo, vivem apenas do trabalho manual. Quando estavam refugiados, eles sobreviveram da melhor maneira que puderam. Isto está bem relacionado à realidade dos pobres de hoje, no mundo em que vivemos.

A Epifania é a “última festa” do tempo do Natal. Conhecemos o texto, os hinos e as tradições desta visita dos Reis Magos ao menino Jesus. O fascinante e misterioso texto do evangelho de Mateus é rico em símbolos: três não-crentes, conduzidos por uma estrela, percorrem um longo caminho ao coração do judaísmo em busca do messias e lhe oferecem presentes simbólicos. Após a visita eles desaparecem.

Duas frases deste evangelho nos ajudam a compreender o grande mistério desta passagem. Primeiro, após sua chegada a Jerusalém, os Reis Magos dizem à Herodes: “*Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-Lo*”. (Mt 2,2). São cientistas, eles não têm medo das coisas escondidas e misteriosas. Depois, tendo encontrado a Jesus, os Reis Magos “*entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram*” (Mt 2,11), partilham livremente seus tesouros e inspirados pelo Espírito, eles voltam por outro caminho, profundamente sensibilizados por tudo o que experimentaram.

Podemos fazer um paralelo com o que vivemos atualmente. Nossa vocação de Filha da Caridade consiste em sermos os Reis Magos de hoje, de levar o dom da atenção e dos cuidados às pessoas que vivem na pobreza. Todos os dias vocês exercem o seu apostolado onde os pobres de Deus estão sempre lhes esperando. A estrela que as guiam é Jesus.

Como os Reis Magos, seu percurso é árduo, difícil e muitas vezes misterioso. O dom que partilham com os pobres responde à sua vocação. As vezes, vocês devem esperar pacientemente que estas pessoas aceitem o seu serviço. E as vezes, eles jamais o aceitam, porém, vocês continuam a se dirigir até eles.

Sua consagração é a do serviço realizado com competência e compaixão. Eles são uma “epifania” em pleno sentido do termo, manifestam o amor de Deus tornado visível em Jesus. Sua vocação de Filha da Caridade consiste em ser uma “epifania da esperança” para as pessoas que vivem na pobreza. Os Reis Magos tiveram apenas uma oportunidade de trazer seus presentes a Jesus, vocês têm a ocasião de fazê-lo todos os dias, como o fizeram as Irmãs que as precederam.

Para ser uma “epifania da esperança” para os pobres, podemos nos referir a um artigo do Partir de Cristo:

“O seguimento é somente resposta de amor ao amor de Deus. Se nós amamos é porque Ele nos amou primeiro. Isto significa reconhecer o seu amor pessoal com aquela íntima consciência que levava o apóstolo Paulo a dizer: “Cristo me amou e por mim se entregou” (Partir do Cristo, n.22 §4).

O início deste ano novo é o tempo de Partir do Cristo, de renovar nossa mente e nosso coração na oração, de meditar a Palavra de Deus, de nos unir ao Cristo e aos outros na Eucaristia

Recentemente, vi um livro cujo título aguçou a minha curiosidade: “Por que não tornar-se fogo?” Este título extraído de uma oração de Julienne de Norwich foi escolhido pelos autores deste livro para apresentar a vida de algumas mulheres místicas que experimentaram a presença do Cristo e tornaram-se “inflamadas” por seu amor. São Vicente e Santa Luísa conheciam bem este fogo do amor de Deus: “*Se o amor de Deus é um fogo, o zelo é uma chama*”. Nossos fundadores eram contemplativos engajados com zelo na ação.

Com simplicidade e afeto, repito-lhes: “partam do Cristo” para se tornarem uma “epifania da esperança” para os pobres e as Irmãs de sua comunidade. O Senhor as ama, vela sobre cada uma e lhes concede a força para servir. O ano civil e litúrgico mostra-lhes a passagem do tempo e da mudança das estações.

Meditem as palavras e as ações de São Vicente e de Santa Luísa; suas vidas foram “epifanias da esperança” para a França dos séculos XVI e XVII e o são para a Família Vicentina, hoje.

Meditem as palavras e as ações da Virgem Maria. Seu “Fiat” permitiu a Encarnação, o “Verbo se fez carne”. Sua vida foi a da perfeita discípula e de uma fé profunda e indefectível. Desde a Anunciação até os pés da cruz, Maria permaneceu firme. Seu amor e sua atenção maternal pelas Filhas da Caridade são bem conhecidas na Rue du Bac. Nossa Senhora da Medalha Milagrosa é uma “epifania da esperança” para eles, os pobres e para o mundo inteiro. Ela é nossa mãe nossa esperança eterna.

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus, pela intercessão de Maria e dos fundadores, acompanhe a todas ao longo deste novo ano. Que as Filhas da Caridade continuem a ser uma “epifania de esperança” para a Igreja e para os pobres de Deus !

Padre Gregory GAY, cm
Superior Geral

Padre Patrick Griffin, Diretor geral

“O Lava-pés dos discípulos”:

I - A dignidade do trabalho

INTRODUÇÃO

Durante a última ceia, no Evangelho de João, Jesus sabe que esta será a última noite com seus discípulos e quer que eles se lembrem dele de uma maneira particular.

Tendo-os acompanhado durante três anos, Jesus percebe as fragilidades dos discípulos diante da responsabilidade da missão. Ele se pergunta como fazê-los progredir e mudar de atitude. Apoiando-se numa experiência que o influenciou profundamente, em razão de seu símbolo de humildade e de serviço, inspira-se para lhes explicar a importância do espírito de humildade para servir com amor.

De fato, um dia, ele foi até a casa de Simão, o fariseu, para jantar. Ora, uma mulher, conhecida por todos como pecadora pública, entrou, e avançou calmamente em direção a Jesus; ajoelhando-se, lavou com lágrimas os pés do Senhor e os enxugou com seus cabelos (Lc 7, 36). Jesus ficou comovido pelo gesto desta mulher e por sua solicitude em se rebaixar diante dos olhos de todos, neste ato de serviço. Simão, o responsável religioso, ficou escandalizado.

Jesus dirigiu-se a mulher dizendo-lhe: “teus pecados estão perdoados”. Esta forte experiência ficou gravada no coração de Jesus e ele não pode dela se esquecer.

No cenáculo, por ocasião da última ceia, desejando deixar um testamento aos seus discípulos, chamados para governar a futura comunidade cristã, inspira-se no gesto desta mulher pecadora para deixar a sua última mensagem. Colocando-se de joelhos, começa a lavar-lhes os pés. Este gesto surpreende seus discípulos e suscita a recusa de Pedro. Porém, Jesus insiste. Para os discípulos, este gesto tornou-se o símbolo do governo e do serviço. Este texto do lava-pés é rico de lições.

A pergunta que Jesus faz aos seus discípulos, após lhes ter lavado os pés, é essencial: “*Vocês compreendem o que acabei de fazer ?*” dizer: “Tu nos lavastes os pés” é uma resposta insuficiente. Acrescentar: “Tu quiseste nos dar um exemplo de um governo exercido como um serviço” começa dar um

sentido ao gesto. Talvez, seja mais apropriado dizer: “Tu quisestes nos dar um exemplo do serviço no governo”. Na verdade, é uma lição difícil de compreender : nesta situação de Jesus, da última ceia, vemo-lo de joelhos aos pés dos outros. É o lugar do servo, do mendigo, daquele que escuta.

Hoje, em nossa vida de serviço, Jesus nos faz a mesma pergunta: “*Você compreende o que eu acabei de fazer?*” Temos necessidade de nos interrogar regularmente: “o que estou vivendo? E como ?

Na primeira parte, refletiremos a dignidade do trabalho: na segunda parte, estudaremos a natureza do trabalho, como um serviço.

1 – A DIGNIDADE DO TRABALHO

No relato da Criação, o trabalho não é uma punição imposta aos primeiros seres humanos. Mesmo sem o pecado, os seres humanos teriam que trabalhar e cuidar do jardim, como está relatado:

“Tal é a história da criação dos céus e da terra. No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse” (Gn 2, 4-5).

Antes da “queda”, Deus tinha tornado o homem criador através do trabalho de suas mãos. O homem deveria trabalhar a terra para se alimentar. Após a “queda”, a punição não é o trabalho, mas a desproporção entre a dureza do trabalho e o resultado produzido.

“E (Deus) disse em seguida ao homem: ‘Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te há de tornar’ (Gn 3, 17-19).

Se desde o início, Deus destinou os seres humanos a trabalhar e para serem criadores através do trabalho de suas mãos, portanto, o trabalho faz parte da dignidade humana. De fato, quando Deus abençoou a criação, uma das realidades que ele chama “boa” é o trabalho. Nós criamos, nos expressamos através do nosso trabalho, estabelecemos relações de apoio mútuo e de serviço generoso uns com os outros e com o mundo criado.

Jesus foi criado em um lar onde o trabalho fazia parte da realidade quotidiana. Ele foi identificado como o “filho do carpinteiro”. José era um artesão, seu filho aprendeu o mesmo ofício: marceneiro. Jesus é um trabalhador. Não é preciso ter muita imaginação para pensar em todo trabalho que caracterizava a vida de Maria, como mulher do primeiro século, em Israel. O trabalho manual para manter a casa era considerável, e portanto, Jesus vinha de uma família de trabalhadores.

A passagem do lava-pés é rica de imagens sobre o que podemos pensar sobre o trabalho. Gostaria de destacar três pontos, visualizando este encontro. Primeiro, ele próprio lavou os pés de todos. Ele carrega a bacia, derrama água e utiliza um tecido para secar os pés. Segundo, ele lava os dois pés de cada discípulo e, podemos deduzir que estes pés estavam sujos e que isso levou um pouco de tempo. E terceiro, ele lavou os pés de todos os discípulos. Ele poderia ter lavado os pés de um dos discípulos e depois dizer: “Bom, imaginemos que eu tenha lavado os pés de todos”. Mesmo quando Pedro lhe dá a oportunidade para lavar um par a memos, Jesus recusa. Ele quer os dois pés de todos.

Podemos retirar muitas lições deste lava-pés. Uma delas é a seguinte : Jesus queria mostrar aos seus discípulos o que é um verdadeiro trabalho. Olhando Jesus trabalhar, os discípulos tiveram a oportunidade de meditar sobre a natureza deste trabalho. Jesus queria mostrar-lhes que para serem seus discípulos, eles deveriam ser verdadeiros trabalhadores e não pessoas que fingem trabalhar.

Um verdadeiro trabalho supõe:

- **De tempo:** lavar todos os pés, isto leva tempo. Jesus estava disposto a dar o tempo necessário para que o trabalho fosse feito corretamente.

- **De esforço:** um verdadeiro trabalho exige que estejamos profundamente envolvidos, a ponto de experimentar a fadiga. Fazer qualquer coisa sem se esgotar, de certa maneira, não é estar verdadeiramente comprometido. É normal, sentirmo-nos cansados após ter trabalhado física e intelectualmente.

- **Do agir conscientemente:** um verdadeiro trabalho envolve a pessoa em todos os aspectos da tarefa a cumprir.

- **Um compromisso pessoal:** esperar que o outro faça o nosso trabalho não é uma maneira de assumir nossa responsabilidade. Comprometer-se na inteira realização do nosso trabalho sem se preocupar com a realização da tarefa confiada aos outros.

No final, Jesus identifica este trabalho ao do mestre e não ao do escravo. Ele diz aos seus discípulos :

“Sabeis o que vos fiz ? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou. Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob a condição de as praticar”(Jo 13, 12-17).

O ensinamento desta passagem está no fazer - felizes sereis se fizerdes o mesmo! Igualmente, quando Jesus nos pergunta : *“Sabeis que fiz?”*, devemos considerar que ele nos ensina a dignidade do trabalho.

Os responsáveis pela Igreja escreveram sobre a dignidade e a importância do trabalho, especialmente Leão XIII no documento *Rerum Novarum* (1891) e João Paulo II no *Laborem Exercens* (1981). Podemos igualmente nos interessar pelos escritos dos nossos fundadores para descobrir alguma coisa importante sobre o trabalho na Congregação e na Companhia.

São Vicente foi sempre identificado como um trabalhador. Uma de suas frases mais facilmente identificável e a mais característica para compreender seu senso da importância do trabalho, ele o pronuncia aos seus discípulos: *“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos, a Deus, mas que seja com a força de nossos braços e o suor de nossos rostos”*. Estamos familiarizados com esta reflexão bem conhecida que Vicente fez ao voltar para Paris depois de ter pregado uma missão. Ele fala de seu medo de que as muralhas da cidade desabem sobre ele quando há ainda muito trabalho a fazer. Vicente tinha um profundo sentido do trabalho pelos pobres e pelo Reino de Deus, e manifestava concretamente o seu amor através dos seus atos, como resposta aos apelos de Deus. Santa Luísa estava igualmente convencida quando escreveu às Irmãs, dirigindo-se às Filhas da Caridade, Servas dos Pobres doentes. Ela centra constantemente seu interesse sobre as Filhas da Caridade, servas:

“Sim, queridas Irmãs, como o desejo de amar a Deus e a prática deste amor (suavizam) maravilhosamente todas as coisas! Que consolo tão grande, para as almas de boa vontade, é ter ocasiões de poder testemunhar a Deus o amor que lhe dedicam, com o serviço que prestais aos pobres! (...) Suplico, de todo coração a Nosso Senhor, que abençoe vossos trabalhos e vos faça compreender quão felizes deveis sentir-vos pela graça que Ele vos outorga.” (Santa Luísa de Marillac, Escritos Espirituais, C.330 (L.130ter) pág. 374).

A lista de tarefas que Vicente e Luísa realizaram em favor dos pobres de sua época é impressionante. O trabalho pelos pobres, para o seu bem-estar, tanto físico como espiritual, define suas comunidades. Sendo o trabalho uma parte importante de nossa vida, faz-se necessário reconhecer sua dignidade. Cada um de nós têm apenas uma vida, não temos uma vida espiritual, uma vida de trabalho, e uma vida comunitária. Pode ser que algumas vezes, utilizemos estas imagens para nos expressar, mas são

todas partes de uma única vida que é a nossa. Nosso trabalho é parte integrante de nossa vida totalmente doada ao Senhor, Cada dia, devemos apresentar ao Senhor nosso trabalho como uma parte de nossa oferta e de nossa oração.

Não vou tentar descrever as inúmeras tarefas que todas vocês realizam ao longo de um dia, mas vocês também, devem vê-las como tendo dignidade e como fazendo parte do que você oferece ao Senhor. Estas tarefas devem refletir algo do que descrevemos sobre o lava-pés.

1. O tempo

Assim como o lava-pés precisou de tempo, o nosso trabalho também requer tempo. Não é algo de insignificante para passar a qualquer coisa de maior importância. É a nossa maneira de servir a comunidade humana, seja de uma maneira pequena ou grande. Assumimos esta tarefa. Quando estamos a serviço das pessoas, nós o fazemos com paciência e calma, quando trabalhamos em uma tarefa, nós a realizamos com a generosidade do coração; quando temos necessidade de refletir, nós a fazemos com profundidade e concentração. Devemos dar tempo em nossas relações interpessoais e em nossas responsabilidades. Independente do tempo que tenhamos, ele será suficiente, precisamos apenas utilizá-lo bem.

2. Os esforços

Já ouvimos esta expressão: “O que vale a pena ser feito deve valer a pena ser bem feito”. Podemos imaginar Jesus lavando os pés dos discípulos apenas por representação? Podemos imaginar Jesus fingindo que lava os pés dos seus discípulos? Isto não parece possível. Imagino-o fazendo concretamente e tentando, de maneira gentil, mas firme, tornar os pés deles limpos. A dignidade desta tarefa e minha própria dignidade residem, em parte, no fato de que faço o melhor para atingir o objetivo.

3. Conscientemente

Jesus lavou os dois pés de todos os discípulos. Ele poderia não ter lavado os de Pedro, e em seguida explicar o que tinha feito e o que isso significava. Mas, não! Jesus lava os pés de todos, e o faz conscientemente e cada um vai fazer a experiência da atenção e da plenitude que ele coloca em seus esforços. Sem meio-termo para Jesus!

Agora, gostaria de fazer uma comparação com as obras de arte. Quando olhamos a estátua de David de Michelangelo, um dos elementos interessantes é que ela foi feita para ser colocada no centro de uma sala. A maioria das estátuas é feita para ser colocada próximo de uma parede ou em um nicho para ser vista de frente, conseqüentemente, todos os esforços e os detalhes são colocados no lado visível. No entanto, a estátua de David foi feita para ser vista de todos os lados e colocada no centro de uma sala de exposição. O gênio Michelangelo é visível em todos os lados. O mesmo acontece com nosso trabalho, devemos fazer o melhor e de maneira completa, então ele pode refletir a nossa própria dignidade e o humilde serviço que oferecemos aos outros.

4. O Compromisso pessoal

Os artistas assinam sempre suas obras, eles se orgulham delas e desejam ser associados a ela. Sua arte é uma expressão de si mesmo. Você pode imaginar Jesus lavando os pés dos discípulos e não prestar atenção ao que ele está fazendo? Pelo contrário, ele estava totalmente investido neste esforço. Gosto também de imaginar Jesus colocando sua assinatura nos pés dos seus discípulos após tê-los limpo: “Lavado por Jesus”. Mas esta assinatura não foi necessária, porque, após este acontecimento, cada vez que os discípulos lavavam os pés, certamente deveriam se lembrar da maneira como Jesus os tinha lavado, do seu ensinamento e de tudo o que eles deveriam fazer pelos outros. Nosso serviço de Filhas da Caridade nos permite investir pessoalmente, contribuir para o bem comum e para os esforços de toda a Companhia. O ícone do lava-pés nos recorda a dignidade do trabalho e a maneira como nos permite expressarmos no serviço da comunidade.

II – O TRABALHO COMO UM SERVIÇO

INTRODUÇÃO

Quando lemos as passagens na Bíblia, devemos prestar atenção às objeções que nelas se encontram. Muitas vezes, nos chama a atenção sobre o que é importante para ouvir e aprender. Quando Jesus se dirige à casa do Centurião para curar o seu servo, é uma objeção do Centurião (“*Senhor, eu não sou digno que entres em minha morada*”). Qual lição Jesus quer nos dar através do contexto apresentado? Quando lemos a passagem de Jesus na casa de Marta e Maria, onde Marta está cozinhando e Maria fica sentada aos pés de Jesus, não poderíamos tirar dessa situação todo o seu ensinamento se Marta não tivesse formulado em alta voz sua objeção: “Diga a Maria que me ajude!” Após a ressurreição, quando os discípulos encontram o Senhor ressuscitado, Tomé não estava com eles, e é a objeção que Tomé faz sobre a aparência de Jesus que conduz a uma nova e profunda reflexão: “*Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos, se eu não puser a mão no seu lado, não acreditarei!*” (Jo 20,25).

A questão de Maria na Anunciação (Lc 1,34), as dúvidas de Nicodemos sobre "renascer do alto" (Jo 3,4) ; a discordância de Pedro quando Jesus explica sobre sua paixão e morte (Mt 16,22) - todas estas questões fornecem as objeções que conduzem aos esclarecimentos significativos.

A questão objeção faz parte da lição, e isto também é verdade na passagem do lava-pés. Pedro contesta diante da possibilidade de Jesus lavar-lhe os pés. A objeção de Pedro dá a Jesus a ocasião de falar ainda mais sobre a importância do lava-pés e assim ensinar a lição:

“Jesus aproximou-se então de Simão Pedro, e este lhe disse : ‘Senhor, tu vais lavar-me os pés?’ Jesus respondeu: ‘Agora não entendes o que estou fazendo ; mais tarde compreenderás’. Pedro disse: ‘jamais, tu não me lavarás os pés!’ Mas Jesus respondeu : ‘Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo’” (Jo 13, 6-8).

Jesus utiliza palavras bastante fortes : “*Se eu não te lavar os pés não terás parte comigo*”. Isto parece ser uma reação muito forte para aquele que não quer deixar que seus pés sejam lavados, mas Jesus insiste. A lição que é ensinada diz respeito ao governo e ao serviço. Se não deixar Jesus lavar os pés, não há o aprendizado da lição. Devemos fazer a experiência de nos deixarmos servir por Jesus para nos tornarmos em seguida, capazes de servir com respeito. Pois, se não tratarmos com respeito a pessoa a quem servimos, não fazemos nosso serviço da maneira de Jesus.

Esta passagem bíblica tem muitas coisas a nos ensinar sobre o trabalho vivido como um serviço. Aqui estão algumas sugestões:

1. O SERVIÇO IMPLICA QUE NOS COLOQUEMOS NO ÚLTIMO LUGAR

Uma conversa dos apóstolos para saber qual dentre eles era o maior, faz com que Jesus diga-lhes algo sobre o seu ser de discípulo: “*Se alguém quer ser o primeiro, que seja o último de todos e o servo de todos*” (Mc 9,35). Ser o último e o servo, não parece fazer sentido para aquele que acredita ser o primeiro.

Alguma vez, alguém já pensou na liberdade que acompanha o fato de ser o último de todos. Não temos que manter nossa posição. Se tivermos a necessidade de partir e qualquer que seja a duração de nossa ausência, quando voltarmos, nosso lugar estará nos esperando. Não é necessário fazer uma lista das nossas atividades e daquelas que pertencem aos outros.

O papel do servo no trabalho confiado oferece realmente muita liberdade na condição de assumi-lo inteiramente.

Gosto da simplicidade da passagem da cura da sogra de Pedro no Evangelho de Marcos:

“Assim que saíram da sinagoga, Jesus dirigiu-se com Tiago e João à casa de Simão e André. A sogra de Simão estava de cama, com febre, e sem tardar, falaram dela a Jesus. Ele aproximou-se dela, tomou-a pela mão e levantou-a; imediatamente a febre a deixou e ela se pôs a servi-lo” (Mc 1,29-31).

A parte interessante é a maneira como a sogra de Pedro retoma o seu papel num serviço simples após seu encontro com Jesus. Ela se levanta simplesmente e começa a servir à mesa. Ela ilustra a natureza do discípulo como aquele que serve a comunidade sem chamar atenção.

O verdadeiro serviço é efetuado sem celebração ou holofotes. É feito na simplicidade para o bem da Comunidade e dos outros. Também é um traço que caracteriza a ação de Jesus ao lavar os pés dos discípulos. Ele próprio assume o papel do servo e convida seus discípulos a seguir o seu exemplo.

Quando ele pergunta: *“Vocês compreendem o que acabei de fazer?”*, ele nos convida a pensar sobre isso. Vocês compreendem o que fazem em seu serviço? Qual será sua resposta? Vocês trabalham com atitude de quem está no último lugar?

2. O SERVIÇO IMPLICA DOAR A NOSSA VIDA.

No Evangelho de João (Jo 15,13), Jesus diz simplesmente: *“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos”*. Dar a vida no cotidiano tem uma implicação mais ampla do que simplesmente, morrer pelos outros.

Sejamos claros sobre este ponto: temos apenas uma vida e nós a vivemos diariamente. Devemos “doar a nossa vida” a cada dia; nenhum dia nos é reservado. Se nós não escolhermos “doar nosso dia”, ele corre o risco de passar sem nenhum benefício. Pessoas “doam suas vidas” diariamente: os pais o fazem por seus filhos, os professores por seus alunos, os policiais pelos cidadãos, os médicos e enfermeiras por seus pacientes etc.

São Paulo fala desta prática como “uma libação”.

“E mesmo que meu sangue seja derramado sobre o sacrifício que é o serviço da vossa fé, eu me alegro e reparto minha alegria convosco” (Fl 2,17).

Nos antigos rituais religiosos, uma libação é uma oferenda líquida derramada em sacrifício. Paulo fala do trabalho que tem feito para promover a fé da comunidade como um ato sagrado que contribui para o crescimento e a estabilidade da comunidade. Não considera que seus esforços tenham sido sem objetivo - ele não correu em vão, nem sofreu por nada. E o que fez, ele o fez de bom grado: doou sua vida livremente. Como Jesus doou sua própria vida; ela não lhe foi tirada, mas Ele a entregou livremente:

“O Pai me ama, porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por mim mesmo e tenho o poder de dá-la, como tenho o poder de retomá-la. Tal é a ordem que recebi de meu Pai” (Jo 10, 17-18).

Ele deu sua vida por seus amigos, não somente na cruz, mas a cada dia em seu ministério em palavras e ações.

E deve ser o mesmo para nós. Devemos doar nossas vidas voluntariamente por aqueles a quem servimos, por nossas Irmãs e nossa Comunidade. Nossa maneira de doar nossa vida é a cada dia através de nosso trabalho. Contribuímos para o bem-estar da Comunidade e da Igreja, através do simples trabalho que efetuamos para realizar nosso objetivo comum. É uma maneira de dar a vida e ela deve ser livremente escolhida, caso contrário é um fardo e algo que nos é imposto.

Escolho trabalhar a cada dia com as Filhas da Caridade para a Construção da Igreja e o serviço dos pobres. É a maneira como eu entrego minha vida, é uma libação que derramo.

Esta entrega de nossa vida deve ser livre. Agimos não pelo dever diante da regra ou da lei (mesmo se estas possam estar implicadas), mas por amor. Estamos unidos não por exigências jurídicas, mas pelos laços do amor e da atenção ao outro. Fazemos isso por toda a nossa vida, diariamente, para o Senhor.

Jesus nos pergunta: *“Você compreende o que acabei de fazer?”*. Você compreende o que você faz no serviço do dom de sua vida? Será que você o faz conscientemente e de boa vontade o seu trabalho?

3. O SERVIÇO IMPLICA DISPOR DOS ESFORÇOS GENEROSOS

Gostaria de ressaltar um outro traço que caracteriza o serviço que vem do Sermão da montanha. No Evangelho de Mateus, Jesus disse simplesmente:

“Se alguém te obriga a andar um quilômetro, caminha dois quilômetros com ele”(Mt 5,41)

A circunstância sugerida por esta declaração era comum no tempo de Jesus. O Império romano era a principal potência do mundo e o exército romano recebia alguns privilégios. Assim, se um soldado percorresse uma estrada com uma carga, ele tinha o direito de impor a alguém que estivesse viajando na mesma estrada de o servir durante a distância de um quilômetro. Em outros termos, o soldado tinha o direito de exigir que alguém carregasse sua carga durante um quilômetro, e esta pessoa tinha, pela lei, a obrigação de aceitar. Então o que Jesus estava dizendo, era para não parar na distância determinada, mas continuar ainda mais um quilômetro. Ir além do que se é exigido, não parar pela justiça, mas ir até a misericórdia. Não ser limitado pela lei, mas agir pela graça como movido pelo Espírito. Esta foi uma lição única que mudará a maneira como vivemos nossas relações uns com os outros.

Numa Comunidade, deveríamos ficar menos centrados em nós mesmos e fazer as coisas com o coração. É a bondade, a estima, a gratidão que fazem crescer a Comunidade. É o reconhecimento que vem do coração, o incentivo, a prontidão em perdoar que une as pessoas através dos laços de confiança e amizade fraterna.

Se cada membro de uma comunidade fizesse estritamente o que se é exigido, nem mais, nem menos, não existiriam surpresas, nem celebrações festivas, presentes, sorrisos, gestos fraternos. As verdadeiras Comunidades são construídas por pessoas generosas e a generosidade é contagiante.

A passagem onde Jesus realiza a multiplicação dos pães e dos peixes contém um bom número de elementos interessantes, porém, um dentre eles é certamente o fato de que, em todas as passagens, há sempre cestos cheios de alimentos que restam depois que as pessoas são servidas. Jesus não somente faz com que cada um tenha o alimento suficiente, mas que o tenha com fartura. Nas bodas de Caná, Jesus não somente providenciou o vinho, mas do bom vinho em superabundância.

Em toda sociedade, algumas pessoas se recusam a obedecer a lei, tornando assim a vida mais difícil para todo mundo; existem também, outros que ultrapassam as exigências da lei tornando assim a vida melhor para todos. No entanto, muitas dentre elas se encontram no meio termo, vivem no quadro da lei. Elas cumprem as exigências da vida, porém, raramente vão além disso. Isto não pode acontecer conosco. A vida consagrada convida seus membros a viver um serviço generoso, mas este serviço não pode ser legislado, pois nos comprometemos a trabalhar “mais do que se é exigido”.

4. O SERVIÇO IMPLICA EM JAMAIS NOS CANSARMOS (1 Ts 3,13)

Em duas de suas cartas, São Paulo incentiva sua Comunidade a permanecer forte manifestando sua fé em suas ações:

“Não nos cansemos de fazer o bem, pois, no devido tempo colheremos o fruto, se não desanimarmos” (Gl 6,9; 1Ts 3,13)

Podemos imaginar o gênero de circunstâncias que existiam nessas comunidade que incitaram São Paulo a este encorajamento. Ele certamente percebeu que este cansaço era uma eventualidade provada por

essas comunidade, talvez porque ele mesmo a sentia, ocasionalmente. Às vezes é difícil encontrar forças para continuar a fazer o que é justo e estas palavras podem falar à nossa experiência. Esse cansaço atinge não somente o corpo, mas também o espírito e o coração. Ele é caracterizado pela tentativa de seguir o Senhor, limitando-se às regras. Sim, mesmo aquelas e aqueles que tentam viver o Evangelho podem sentir-se esgotados por suas exigências.

Quando penso na palavra “fadiga” duas passagens me vem à mente :

* A primeira é do livro do profeta Isaías (40, 28-31):

“Não o sabes ? Ainda não aprendestes ? O Senhor é um Deus eterno. Ele criou os confins da terra, sem jamais se cansar, nem aborrecer-se ; ninguém pode sondar sua sabedoria. Dá forças ao homem acabrunhado, recobra o vigor do fraco. Até os jovens podem esgotar-se, e mesmo os guerreiros podem tropeçar! Mas aqueles que esperam no Senhor, renovam suas forças: ele dá-lhes asas de águia. Correm e não se fadigam, andam, andam, e nunca se cansam”.

Nesta passagem, vemos que aqueles que deveriam ser os mais aptos estão tomados pelo cansaço. Os jovens estão tão cansados que tropeçam e caem, porém todos estão fortalecidos por aquele que é a verdadeira fonte de sua força, o Senhor. E em razão desta confiança no Senhor, eles aprendem a se lançar em direção ao céu, como sobre asas de uma águia. Eles correm sem se cansar.

O segundo texto está no Evangelho segundo Mateus:

“Vinde a mim, vós todos que estais cansados sob o fardo e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve” (Mt 11, 28-30).

Aqui mais uma vez, aqueles que estão cansados são chamados pelo Senhor para voltar-se para Ele, pois Ele os ajudará a carregar o fardo. Eles não estão livres do jugo, mas este é carregado com o Senhor.

São Paulo incentiva assim suas comunidades a tirar suas forças do Senhor, e um dos outros, sem que jamais se cansem de trabalhar a serviço ao Senhor. São palavras fáceis de dizer, mas são palavras que só podem ser vividas por aquele que bebe da fonte de toda força.

“Compreendem o que acabei de fazer por vocês? Pergunta Jesus. Vocês têm a força e a disposição para fazer o mesmo pelos outros?

CONCLUSÃO

Na primeira parte, examinamos a dignidade do trabalho e a maneira como Jesus manifesta alguns desses traços característicos na maneira como ele lava os pés dos discípulos - dá tempo, empreende esforços, age conscientemente num compromisso pessoal. Na segunda parte, observamos que o trabalho é um serviço que fazemos para os outros e estudamos algumas características deste serviço - assumir o último lugar, doar sua vida, empreender esforços generosos e jamais se cansar. Esta imagem e este texto da Bíblia têm muito a nos dizer sobre o que caracteriza o trabalho e o nosso trabalho. Fomos convidados a examinar de que maneira nos comprometemos em nossa vida de serviço.

Fiéis ao espírito dos fundadores, buscamos seguir o exemplo de Jesus que lavou os pés de seus discípulos e mostrou-lhes assim o caminho do serviço em seu trabalho. Que este também possa ser o nosso caminho!

PADRE PATRICK GRIFFIN,CM
DIRETOR GERAL

Queridas Irmãs,

Passei o meu primeiro Natal e o meu primeiro ano novo em Paris. Pude vivê-los na calma e na oração. Dediquei uma boa parte do meu tempo para ler as cartas que vocês me enviaram. Isto foi uma bênção particular, pois fui encorajado, não somente pela certeza de suas orações por mim, mas também pela partilha de sua fidelidade no serviço dos pobres e na vida comunitária. O volume destas cartas foi também um desafio, pois só consegui responder a algumas. Então, peço-lhes que aceitem esta mensagem como os meus sinceros votos e como uma carta que lhes é dirigida pessoalmente.

No Natal, tive o privilégio de celebrar a Eucaristia e pregar a homilia da missa da noite, na Casa-Mãe. Em minha oração e reflexão fui conduzido a concentrar-me no primeiro grito que surgiu da boca do Salvador recém-nascido. Quando Ele inspirou e expirou pela primeira vez com todas as suas forças, escutei uma mensagem com três aspectos. O primeiro aspecto é uma proclamação: “Estou aqui. O Emanuel”. Deus está presente com seu povo, conosco. O segundo aspecto é uma afirmação: “Partilho de sua vida”. Jesus vem conhecer a grandeza e a profundidade da experiência humana no amor e no ódio, na generosidade e na inveja. E o terceiro é um convite: “Vinde a mim”. No começo, são Maria e José que se aproximam, depois os pastores e os magos, e em seguida os fiéis e os pecadores de Israel. Jesus convida a todos para voltar-se para Ele. Convite que se dirige igualmente a nós.

Uma vez que continuamos o nosso caminho em direção ao Senhor, este primeiro grito de Jesus pode ser fonte de encorajamento. Jesus está conosco, partilha efetivamente nossa vida e nos convida verdadeiramente a nos unir a Ele no caminho. Desejo e rezo para que possamos encontrá-Lo presente em nossa oração, em nossas Comunidades e na atenção que dirigimos aos pobres.

Tenham a certeza dos meus esforços para realizar com zelo meu serviço para com todas e de minhas orações pelo seu apostolado. Vicente e Luísa devem se alegrar ao nos ver lá onde vivemos, com as pessoas que encontramos e servimos. Estou certo que Maria vai continuar a interceder por nós, que nos esforçamos para permanecer fiéis a mensagem e ao ministério de Jesus.

Seu irmão em Cristo,
Padre Patrick Griffin, cm

Desafios atuais

Província de Cuba

Comunidade “Santa Catarina Labouré” na missão de Baracoa

Histórico

Guantânamo é uma região que se encontra na extremidade oriental de Cuba. Baracoa, a primeira cidade fundada pelos colonizadores, situa-se ao nordeste desta região. Construída às margens da Baía de Mel que é cercada por cordilheiras. A região oferece belas paisagens: mar, rios, vegetação exuberante convidando para o louvor ao Deus Criador. Os habitantes são simples e hospitaleiros. Eles têm um seno de Deus, mas são também muito pobres.

Em 2011, celebramos os 500 anos de evangelização do país que foi iniciada em 1511. A missão das Filhas da Caridade na cidade de Baracoa é a mais recente da Província. As três Filhas da Caridade que lá trabalham, chegaram no dia 21 de julho de 1998.

Antes da Revolução cubana de 1959, as Filhas da Caridade já atuavam em Baracoa. Na ocasião, entre outras atividades, elas davam aulas numa pequena escola primária. Porém, dois anos mais tarde, o governo comunista nacionalizou o ensino e confiscou todas as escolas católicas, dentre as quais as das Irmãs que tiveram que deixar Baracoa. No entanto, a presença das Irmãs em Baracoa, durante dois anos, deixou um testemunho de bondade junto às crianças da época, que hoje, já são pessoas idosas. Mas, Deus quis que nossa história continuasse, e por isso voltamos à Baracoa. Atualmente, não estamos mais numa escola, mas temos um leque de serviços que dinamiza nossa comunidade.

Hoje, Baracoa tem 80.000 habitantes, dos quais, a maioria vive nas zonas rurais. Eles cultivam principalmente, cacau, café e coco, porém, estes produtos são vendidos a preços muito baixos. Nos últimos anos, o turismo internacional tem crescido.

Como Filhas da Caridade, estamos inseridas na pastoral da diocese de Guantánamo-Baracoa, no Vicariato de Baracoa-Maisi. A diocese é muito extensa: é uma região montanhosa e de difícil acesso. Existem poucas pessoas engajadas na Pastoral. Trabalhamos com três padres diocesanos, missionários e leigos engajados.

OS POBRES QUE NOS INTERPELAM

A Província de Guantánamo, onde se encontra a nossa missão, é considerada a região mais pobre do país. Costumamos dizer que “a miséria atrai outras misérias”. Diante das múltiplas formas de pobreza, nem sempre podemos responder a todas com as quais nos confrontamos: primeiro, o governo totalitário nos impede de servir como gostaríamos, depois, as pessoas não estão motivadas para trabalhar.

As maiores pobreza constatadas são:

- moradia precária, onde grandes famílias se aglomeram num mesmo espaço,
- baixos salários tanto nas zonas rurais como nas cidades,
- desemprego e baixa motivação para procurar trabalho, em razão da pouca oferta nesta área.
- agricultura pouco desenvolvida, produtos alimentares mal distribuídos. A população se limita à uma cesta básica insuficiente, fixada pelo Estado, o que torna a situação ainda mais difícil para as famílias.
- a seca em aldeias da montanha : as fontes estão com os níveis baixíssimos, os aquedutos estão em péssimas condições.

Uma outra grande pobreza diz respeito a situação da vida das famílias: casamentos precoces, gravidez que começam cedo, violências, divórcios, alcoolismo... Além disso, as pessoas tornaram-se incapazes de formular um julgamento crítico e não podem se expressar com liberdade, pois os valores da verdade, fidelidade e justiça estão distorcidos.

Todas estas pobreza são o resultado de muitos anos de um sistema político que atingiu todos os âmbitos da sociedade.

A MISSÃO DA COMUNIDADE

"A Companhia é missionária por natureza ; esforça-se por conservar a flexibilidade e a mobilidade necessárias para responder aos apelos da Igreja diante de todas as formas de pobreza". (C. 25)

Nossa Comunidade local é composta por quatro Irmãs e continuamos a missão, seguindo a linha de trabalho que havia anteriormente. Escolhemos como prioridade comunitária: *"Dar um novo impulso à nossa*

missão a partir de uma comunidade fraterna renovada e centrada em Jesus Cristo, para gerar os sinais de esperança que nos convidam a mudar”.

Ao lembrarmos as palavras de Santa Luísa: *"temos a felicidade de sermos filhas da Igreja..."*, partilhamos das prioridades pastorais da Diocese e da região do Vicariato. Dedicamos muito tempo à formação dos leigos (crianças, adolescentes, jovens, famílias, pessoas idosas e pastoral da saúde), no trabalho em equipe, acompanhamento das novas comunidades isoladas, nos campos. Para nós é uma oportunidade de crescer na colaboração e na corresponsabilidade para construir o Reino dos céus.

Nossos objetivos são:

- Ajudar na formação das famílias: visitas à domicílio, oficinas e escolas para os pais.
- Catequizar as crianças.
- Formar os jovens: reuniões semanais para descobrir o Evangelho, comprometer-se a servir e aprender a fazer animação através de jogos.
- Acompanhar os doentes em colaboração com as equipes dos leigos, visitas à domicílio e nos hospitais.
- Evangelizar as zonas rurais: grupos de adultos e jovens missionários partem para o campo para anunciar a Palavra de Deus. Atualmente, preparamos o jubileu dos 400 anos do descobrimento da imagem de Nossa Senhora da Caridade do Cobre que será celebrado em 2012. É um momento importante para encontrar as famílias e reviver a fé.
- Colaborar com a família vicentina em diferentes projetos: café da manhã para os idosos; ajuda e acompanhamento às famílias que têm filhos com encefalopatias; apoio às pessoas que sofrem com as destruições causadas pelos ciclones (oficinas de reparação de colchões). Todos os meses, as equipes se encontram para um momento de oração e de formação.

Trabalhamos em três paróquias diferentes, cada uma compreende aproximadamente doze pequenas comunidades. Esta missão é um dom de Deus para cada um de nós (padres, Irmãs e leigos). Ela nos ajuda a ampliar nosso horizonte, descobrindo as necessidades dos outros. Apesar do cansaço e das nossas limitações, vivemos na alegria e na fraternidade nosso serviço comunitário: *“Oh ! minha Irmã, como sereis consolada à hora da morte, por haverdes consumido a vossa vida pelo mesmo motivo pelo qual Jesus Cristo deu a sua vida! É pela Caridade, é por Deus, é pelos pobres...E que maior ato de amor pode alguém fazer que o de entregar-se, inteiramente, por estado e ofício, para a salvação e alívio dos aflitos?”* (Carta de 24 de novembro de 1658 à Ir. Anne Hardemont – Coste, VII, 382).

CONCLUSÃO

Um dos desafios a enfrentar é evitar realizar o serviço de maneira “paternalista”, que não permite que o pobre se torne o autor e ator de sua própria história e do seu desenvolvimento humano. Somos conscientes que este é um longo processo. Graças a participação e ao esforço diário, poderemos dar uma resposta ao apelo da 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (CELAM) : *“Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida”* (Jo 14, 6).

As Irmãs da Comunidade “Santa Catarina”

HOJE, COM OS FUNDADORES

Província de Santo Domingos

A Casa Rosa

Breve histórico da Comunidade

Desde 1993 as Filhas da Caridade, em resposta ao carisma para ajudar aos mais abandonados, começaram a se preocupar com o destino das crianças órfãs ou abandonadas, por causa do vírus da AIDS.

A Casa Rosa, situada no bairro “Tres Brazos”, é uma instituição de caridade, criada para acolher crianças órfãs ou abandonadas, portadoras de AIDS. Esta casa foi inaugurada em 18 de Julho de 2001 e agrupa as crianças do bairro “Tres Brazos” de São Domingos e do Lar Mariloly, onde trabalham as Filhas da Caridade.

Gostaríamos de melhorar a qualidade de vida das crianças doentes respondendo às suas necessidades, a fim de que elas possam se desenvolver tanto no plano físico como no plano intelectual e espiritual.

Entre as 6 Irmãs da Comunidade, 4 estão no serviço direto da Casa Rosa, com uma equipe de leigos: educadores, instrutores, membros de serviços gerais e de saúde. Esforçamo-nos por oferecer a cada criança o máximo de atenção, educação, cuidados, todo o bem-estar necessário para ajudá-los na recuperação de sua saúde. Duas Irmãs fazem o trabalho externo, em uma creche e obras sociais.

Com o passar dos tempos, nossa Comunidade vive inúmeras e variadas experiências de descoberta da presença de Deus na alegria de viver das crianças, na solidariedade dos voluntários e das pessoas que batem à nossa porta.

Descobrimos o traço de Deus através da história e da realidade de cada criança. Muitas vezes, em razão de nossa falta de informação e nossos limites humanos, as situações não são claras para nós, mas vivemos na confiança de que Deus nos acompanha em nossa missão.

Nataly

Aqui está um exemplo que nos mostra de maneira clara que Deus se interessa particularmente, por nossas crianças. Percebemos particularmente, durante os meses que realizamos as buscas para encontrar a família de Nataly, de 13 anos, que está em uma escola especializada, gosta muito de pintar e deseja ardentemente, reencontrar sua família e seu verdadeiro nome.

Após a morte de sua mãe, a pequena Nataly adoece; a pedido de seu irmão, Alfredo, que vivia na rua e trabalhava como engraxate, um amigo de seu tio, a leva para o hospital de crianças doentes Robert Read Cabral. Depois disso, ninguém mais se responsabilizou por ela. Não havendo nenhuma informação sobre esta criança, concluiu-se que ela tinha sido abandonada. A assistência pública envia esta criança de três anos para a Casa Rosa. Ela chega numa situação crítica com um alto grau de desnutrição, tuberculose, pneumonia e AIDS. Tendo recuperado a saúde, Nataly foi conduzida para o Lar Mariloly, onde recebeu acompanhamento e cuidados. Porém ela sentia falta de sua família e isto perturbava sua vida afetiva e seu comportamento: às vezes era dócil e calma, respeitava as normas e regulamentos; outras vezes, muito agressiva, insolente, desobediente e chorona. Pouco a pouco, Nataly conscientiza-se de sua situação familiar.

O episódio mais difícil aconteceu na escola, no início do seu primeiro ano escolar. Quando chegou na sala, a professora fez a chamada dos alunos. Ao escutar seu nome e sobrenome que lhe havia sido dado, ela protesta energicamente e, evidentemente, coloca a instrutora em apuros. A diretora procurou informações junto ao Lar Matiloly. Ao retornar da escola, a criança estava mais calma, mas continuava a negar o seu nome. Então, explicamos-lhe que alguém tinha lhe dado um sobrenome para que ela pudesse ir para a escola, mas que, mais tarde, encontraríamos o seu verdadeiro nome.

A partir deste momento, o comportamento de Nataly se altera, ela queria fugir dali. Tornou-se quase impossível dialogar com ela.

Era absolutamente necessário, começar a busca de uma eventual pista que permitisse encontrar os membros de sua família. Após numerosas buscas feitas durante anos, finalmente conseguimos identificar

algumas pessoas que tinham conhecido sua mãe Marta, e seu filho Alfredo, que era portanto, o irmão de Nataly.

Finalmente, encontramos a família que acolhe Alfredo. Vendo as precárias condições de vida desta família de acolhimento, era impensável pedir-lhe para assumir mais uma criança, Nataly, em sua casa. Tentamos encontrar Alfredo, mas este se recusava a nos ver. Ele nos mandava dizer sempre que não sabia nada sobre o pai de Nataly e sua família.

Nataly sentia-se cada vez mais frustrada, plena de agonia, sobretudo quando ela via as outras crianças do Lar, partirem para suas famílias para passar o final de semana. Seu comportamento, tanto com os adultos, como com as outras crianças era muito agressivo.

Voltamos mais uma vez para ver a família de acolhimento de Alfredo, expondo-lhe a situação de Nataly. Após uma longa conversa, os pais nos afirmaram que Alfredo conhecia seu pai e, portanto, o de Nataly. Alfredo permaneceu silencioso e indiferente a todas as nossas proposições. Mas, não queríamos pressioná-lo, pois ele era a única ligação que poderia nos ajudar a aproximar Nataly de sua família.

Em várias ocasiões, retomamos o contato com Alfredo, mas em vão, pois ele afirmava que não sabia nada sobre sua família natural. No entanto, sua mãe “adotiva”, prometeu tentar convencê-lo a falar.

Rezamos muito nesta intenção. Um dia, Alfredo consentindo em nos encontrar, nos revelou o nome e o endereço do seu avô paterno. Os membros da equipe do serviço social partiram imediatamente, à procura deste homem até que o encontraram. Era exatamente lá, que Nataly tinha vivido com seus pais. Todos os vizinhos conheciam a criança, mas pensavam que ela tivesse morrido, como sua mãe. Então, o avô chama seu filho, o pai de Nataly. Esta foi uma formidável novidade tanto para a família como para a própria Nataly e a Casa Rosa. Imediatamente, os membros de sua família, vizinhos, amigos, vieram para ver Nataly no Lar Mariloly. Nataly era a menor dos 4 filhos de seu pai (dois meninos e duas meninas).

Como descrever este momento de encontro da família com Nataly ?

O avô, Francisco, dizia emocionado que era um milagre que a Santíssima Virgem lhe concedia pois, ele tinha rezado muito para encontrar sua neta. Jamais ele se cansará de agradecer. Depois seu pai, Ricardo, nos contou sua história. Ele tinha vivido dois anos na Villa Mella com sua companheira Marta e sua filha caçula, Nataly (cujo o verdadeiro nome era Marta Maria). Depois, eles se separaram e, sem dizer nada, a mãe partiu com a criança, afastando-se de Ricardo. Três meses depois, Ricardo as encontra no bairro de Santo Domingo. Então, Marta e Nataly novamente desaparecem. Ricardo buscava saber onde elas estavam, mas ninguém tinha informações. Algum tempo depois, disseram-lhe que Marta tinha falecido. Ele então passou a procurar por Nataly, mas foi em vão.

Ricardo continuou a procurar lá onde ele pensava encontrar indícios, mas sempre sem resultado. Na rua, ele encontra muitas vezes, com Alfredo, ele também, de nada sabia. Um dia, vendo Ricardo saudável, a família de Marta ficou surpresa, pois, ela pensava que tinha sido ele o transmissor do vírus da AIDS para sua companheira, provocando assim a sua morte ;

Este foi o momento mais difícil para nós, pois, tínhamos que comunicar ao pai de Nataly e ao seu avô que a criança era portadora do vírus. Geralmente, as famílias tem muita dificuldade para aceitar a condição das crianças infectadas com o HIV, pois, eles têm medo do contágio. Porém, ambos aceitaram a verdade. O avô gritou : "Agora, vou amá-la ainda mais!" e o pai surpreso afirma : "*é minha filha, agora que eu a recuperei com vida, permitam-me levá-la, pois eu a procurei por muito tempo...*" Este foi um momento muito emocionante, todo mundo estava cheio de gratidão a Deus.

Programamos um tempo de preparação para a família e para Nataly antes da sua partida definitiva. Então, decidimos deixá-la terminar o ano escolar e os finais de semana ela passava com sua família. No dia 5 de junho de 2010, nós a entregamos à sua família, ela estava feliz.

Mais uma vez, tivemos a confirmação que a Providência de Deus não cessa de nos acompanhar.

A Comunidade da Casa Rosa

Testemunhos das Irmãs

Província de Santa Luísa -EUA
(Ex-Província de Evansville)

A Divina Providência durante a enchente em Nashville, Tennessee - Estados Unidos

Após as torrenciais chuvas, seis Filhas da Caridade de Nashville e milhares de outros habitantes do Tennessee foram vítimas de uma inundação catastrófica dos rios de Cumberland e Richland Creek, em 1º e 2 de maio de 2010. Com o auxílio de cordas amarradas entre as árvores e os prédios, os funcionários do Hospital Saint Thomas socorreram as Irmãs segurando-as em meio as águas revoltas que derrubou os equipamentos pesados da casa e até mesmo os carros que estavam no estacionamento.

No dia seguinte, fez uma bela manhã de maio. O sol brilhava, as águas na nossa região tinham parcialmente baixado e as flores da primavera tentavam, novamente, mostrar sua beleza. Naquela manhã, tomamos consciência dos estragos. O nível inferior da nossa casa tinha sido inundado, recoberta por três metros de lama e águas turvas. Isto nos fez pensar nas vítimas do Tsunami na Índia, que tinham perdido muito mais que nós.

Jamais esqueceremos este pequeno sinal da Providência: nossa cerca de madeira, com três metros de altura, quebrou em vários pedaços, um dos quais flutuou até a imagem de Nossa Senhora da Medalha que permaneceu firme no chão. Vimos aí o sinal da presença de Maria no coração desta catástrofe, e preciosamente guardamos esta imagem

As Irmãs Dominicanas da cidade nos ofereceram abrigo em seu mosteiro, mas, naquele momento, nenhuma de nós poderia imaginar que permaneceríamos lá durante três meses. Finalmente, em julho, a Providência encontrou para nós uma casa e muitas pessoas se empenharam e nos ajudaram a transformar esta casa em nosso “lar”.

Algumas semanas depois, fizemos a inauguração da casa com os nossos vizinhos, os membros do hospital, os do centro de atendimento e associações caritativas que tinham nos ajudado. Durante a visita regular, com a Irmã Honora, relemos este acontecimento que nos reafirmou em nossa vocação e nos tornou mais consciente da maneira única, como cada uma de nós tinha vivido esta catástrofe e os três meses que se seguiram. Além das provações, este acontecimento permitiu-nos conhecer melhor umas as outras e assim compreender nossas diferenças.

Durante a nossa partilha, utilizamos cinco símbolos que, para nós, expressam algo do que vivenciamos durante e após a catástrofe.

* O Arco-íris: símbolo da nossa gratidão pela nova casa

* Uma gangorra: símbolo da tentação de nossa Comunidade local de abandonar tudo diante da tempestade, ao invés de guardar a paz.

* O girassol : flor com muitas pétalas largas e profundas, cuja beleza situa-se no centro. Seu coração simboliza o Cristo que nos une com nossas diversidades.

* Um buquê de flores para simbolizar a necessidade de cuidar de cada uma e de todas, respeitando nossas diferentes maneiras de ser e fazer.

* A Imagem da Virgem Maria, para simbolizar aquela que é a guardiã de nossa nova casa. Sempre de pé, a Virgem Maria é o sinal de proteção que Deus nos oferece a cada dia.

Em seguida, meditamos o salmo 127: “*Se o Senhor não construir a nossa casa, em vão trabalharão seus construtores*”. Agora, continuamos a organizar nossa nova casa graças à Divina Providência e aos generosos, “construtores” que não trabalharam em vão. Por tudo isso damos graças a Deus

Irmã Sherry BARRETT
Filha da Caridade

Testemunho das Irmãs

Província do Japão

As Filhas da Caridade confrontadas com a política japonesa de erradicação dos doentes de hanseníase através da internação num leprosário, chamado “sanatoriums”

Em abril de 1989, a Companhia das Filhas da Caridade me enviou para trabalhar junto a Comissão do Departamento Social da Conferência episcopal católica concernente ao problema dos Buraku.

Breve histórico de uma discriminação

Os problemas de discriminação no Japão atingem os dois maiores ramos: os Buraku (casta dos intocáveis) e os portadores de hanseníase. Durante o período feudal, já existia uma discriminação mas, as pessoas que pertenciam à casta dos Buraku e àquelas portadoras de hanseníase (chamadas “leprosos errantes” naquela época) colaboravam entre si.

Em 1868, o sistema social feudal desmorona e o Japão entra na chamada era Meiji que reimplanta o poder imperial. O novo governo unificou todo o Japão numa única Nação e aboliu em 1871, o sistema de discriminação aos Buraku, bem como outros sistemas discriminatórios. Foi igualmente dissolvida a proibição ao cristianismo.

Porém, na realidade, a discriminação permaneceu muito viva e ainda existe em nossa época. No que concerne aos leprosos, os preconceitos sobre a hereditariedade persistem, mesmo no âmbito médico e, muito tempo depois da identificação da bactéria que origina a doença, feita pelo norueguês Hansen.

Em 1907, uma lei prevê o internamento dos leprosos errantes num dos cinco estabelecimentos públicos criados para esse fim.

O regulamento destes estabelecimentos obrigava a um isolamento absoluto. Quando os pacientes aí entravam, eles deveriam:

1. Mudar de nome, assumindo um outro para que não fossem mais identificados pelas pessoas externas. Pois, assim seus familiares não sofreriam a mesma discriminação.
2. Ter uma religião controlada pela administração.
3. Utilizar unicamente a moeda própria do “sanatoriums”

Os castigos corporais não eram raros. Em 1915, uma emenda à lei de 1907, que autorizava os diretores do estabelecimento a exercer punições disciplinares junto aos doentes que transgredissem aos regulamentos. A condição dos leprosos estava agravando-se. Introduziram uma prática de esterilização no estabelecimento, sem base legal. Suas justificativas baseavam-se no projeto de estabelecer uma quarentena em vida e oferecer aos moradores uma vida conjugal feliz, na condição de não terem filhos.

O termo “sanatorium” destes leprosários era apenas um disfarce, pois os mais fortes eram sujeitos a participar de diversas tarefas : cuidar dos doentes mais graves, distribuição de alimentos, limpeza dos banheiros, cortar madeira para o aquecimento, incluindo a cremação dos corpos.

Em 1931, foi votada uma lei para a prevenção da lepra que determinava o internamento de todos os doentes. Estes deveriam integrar os leprosários que, a partir de então, estariam sob a responsabilidade exclusiva do Estado. Na verdade, estávamos caminhando diretamente para uma política de confinamento da vida. Nestes estabelecimentos, foram construídas celas especiais para trancar os doentes que apresentassem problemas disciplinares. As celas, nas quais uma centena de pessoas será detida em condições desumanas e onde aproximadamente vinte perecerão, serão somente abolidas em 1947!

No entanto, a partir de 1941, um tratamento com o medicamento Promine foi disponibilizado nos Estados Unidos e, igualmente, no Japão a partir de 1947. Enquanto o mundo, estava se encaminhando em direção à flexibilização de medidas preventivas, considerando que um paciente devidamente tratado não seria mais contagioso, no Japão a situação não era a mesma. Aqueles que defendiam a continuação do isolamento admitiam, na verdade, a possibilidade de remissão mas, recusavam-se considerar a lepra como curada e o governo japonês não mudou o sistema de isolamento absoluto das pessoas portadoras de hanseníase.

A partir de 1951, foram criadas associações militantes em favor da melhoria das condições de vida dos leprosos e começaram a exigir uma emenda na lei. Definitivamente, a lei vai sofrer a emenda em 1953 mas, no sentido de um agravante. Evidentemente as condições de vida no cotidiano tinham melhorado significativamente, porém, de maneira global, a lei era mais severa. Na verdade, ela obrigava os médicos a declarar os casos de lepra e confirmar a obrigação de internamento dos doentes.

A lei será revogada somente em 1996. A revogação da lei deixa, de fato, muitos problemas não resolvidos, como a ausência de proteção social e as dificuldades de acesso ao sistema de atendimento para os pacientes, depois que saem dos leprosários.

A POLÍTICA DE SAÚDE CONCERNENTE AOS DOENTES DE HANSENÍASE E OS “SANATORIUMS”

Esta política, liderada pelo governo japonês privou os doentes de hanseníase de todas as possibilidades de levar uma vida com dignidade. Um processo foi aberto para obter indenizações. Uma carta foi enviada à uma associação de advogados japoneses denunciando que, apesar da abolição da lei “ Lei de prevenção contra a Lepra”, as condições de vida dos leprosos não tinham mudado e a situação estava intolerável. Grupos de apoio em favor da causa dos leprosos foram criados e, com treze ex-leprosos, moveram um processo jurídico com o objetivo de obter a indenização pela “violação do seu direito constitucional à felicidade”, ocasionado pela lei sobre a prevenção da lepra que previa, na verdade, a internação. Três anos mais tarde, os leprosos ganharam o processo pela restauração de sua dignidade

humana. Sua reputação foi enfim, recuperada com indenizações por danos causados pelo Estado. Foi no dia 11 de maio de 2011 que o Tribunal de Kumamoto, no sul do Japão, condenou o Estado para indenizar um grupo de treze ex-leprosos que tinham movido o processo. O primeiro ministro apresentou suas desculpas à mais de 100 ex-leprosos e os indenizou.

Quando esta notícia de 11 de maio de 2011 foi divulgada na mídia, descobri a existência dessas pessoas, que eu acreditava que pertenciam a um passado histórico. Esta revelação foi um choque para mim.

Atualmente, o Sr. Hiroshi Shima esforça-se para que estas histórias dolorosas sejam transmitidas às gerações futuras para que nunca mais tal tragédia se repita.

Nosso engajamento junto aos pacientes curados

Após este 11 de maio de 2011, a Comissão do Departamento Social da Conferência Episcopal Católica decidiu pesquisar fatos no sanatório nacional, da Ilha de Oshima: “Oshima Seisyoen”, é uma das quinze ilhas leprosários do Japão. Este foi o início da nossa relação com eles. Quando nossa pesquisa progrediu para uma escuta recíproca, ficamos chocados com os sofrimentos e as situações insuportáveis vividas por estes pacientes.

Por que nestes “Sanatoriums” existiam tribunais, prisões, celas em condições adversas e mesmo de execuções a partir de falsas acusações ?

Quando perguntei porque uma instituição médica tal como um sanatório tinha necessidade de um tal sistema disciplinar, responderam-me que havia violações da lei. No “sanatorium”, as pessoas que desobedeciam eram colocadas nas celas em condições difíceis e muitas morriam de fome, de frio ou enlouqueciam. Poucas foram capazes de recuperar sua condição normal. A última testemunha sobrevivente que servia na distribuição dos alimentos, nesta prisão muito severa, nos contou algumas histórias terríveis.

Senhora M. Trabalhava diariamente como auxiliar de enfermagem. Ela desejava se casar no exterior do sanatório e ter muitos filhos. No dia do seu casamento, ela descobre que o seu marido tinha sido forçado a fazer a vasectomia. O caso da Senhora M. Não é isolado. Em 2005, um relatório do ministério da saúde do Japão, indicou que mais de 4.000 esterilizações e ou abortos foram praticados entre as dezenas de milhares de pessoas internadas à força nos “sanatoriums”

Sr. Y. Quando a polícia procurava os leprosos que viviam nas cidades, vilas, montanhas, e que se escondiam da população e os encontrava, levava-os para os “sanatoriums” nacionais. Este é o caso do Sr. Y, encontrado com a idade de 19 anos, enquanto estava cortando madeira na floresta. Examinado pelo doutor do centro médico, ele é diagnosticado como leproso e enviado para o sanatório, assegurando-lhe que poderia voltar para casa um ano depois. Hoje, aos 72 anos, ele é incapaz de trabalhar, não tem família, nem amigos e prefere ficar no sanatório, pois não tem para onde ir. Ele disse uma vez: *“eu me pergunto com que propósito nasci e porque vivo ainda hoje? Vou terminar minha vida aqui”*.

O sanatório da Ilha existe ainda pela simples razão que a maioria dos pacientes não tem para onde ir, são portadores de deficiência e muito idosos. Atualmente há aproximadamente cem leprosos na Ilha

No relatório encomendado pelo Ministério da Saúde do Japão e dos Assuntos sociais em 30 de janeiro de 2005, pode-se ler que durante os abortos forçados, praticados em seis sanatórios dirigidos pelo Estado, entre 1924 e 1956, 114 fetos humanos, entre os quais alguns totalmente formados, ou mesmo nascidos, são conservados no formol. Na ausência de traços evidentes de experimentações, ninguém sabe exatamente para que os fetos abortados estavam sendo destinados.

Conclusão

Apesar do fim da política de exclusão, aproximadamente 5.000 leprosos idosos decidiram permanecer no sanatório, pois não tem outro lugar para viver. Eles estão atualmente em 13 sanatórios públicos onde passaram, em média 40 anos de sua vida. Todos estão sem família pois, cada uma delas sofria muita discriminação do seu meio social que cortava todo vínculo com seus parentes.

No entanto, continuamos a visitá-los. Pouco a pouco, eles abrem a porta do seu coração e partilham seus segredos. Sinto-me obrigada a transmitir estes testemunhos dolorosos às outras gerações, para que isto jamais se repita. Sinto fortemente a exigência do evangelho de “ser um sinal de contradição” relatando seus sofrimentos. Tento fazer o que o próprio Jesus fez, Ele que se colocou ao lado dos oprimidos. Não é fácil, mas parece-me que é nossa vocação rezar sem cessar, agora e sempre.

Irmã Andréa Ruriki HASHIMOTO
Filha da Caridade

Fontes e origens

HISTÓRIA DE UM OLHAR SOBRE O POBRE

PLANO

INTRODUÇÃO:

Por que a história de um olhar?

1) UM OLHAR QUE SE FORMA, UM OLHAR QUE SE BUSCA (1581-1617)

- Um olhar do “interior” (1581-1595)
- Um olhar do “exterior” (1595-1617)

2) UM OLHAR CENTRADO, UM OLHAR FIXO (1617):

- Gannes-Folleville
- Châtillon

3) UM OLHAR QUE SE EXPANDE, UM OLHAR UNIVERSAL (1618-1648...)

- do encontro com um pobre a descoberta de todos os pobres
- da pequena paróquia de Châtillon à Madagascar,
- do pobre à Jesus Cristo, de Jesus Cristo ao pobre.

INTRODUÇÃO

Nos poucos retratos antigos que foram conservados de São Vicente, os de Simon François de Tours, de Nicolas Pitau, de Van Schuppen e de René Lochon, sem dúvida, o que mais impressiona são os olhos. Pode-se ver a grande qualidade de atenção, de observação; descobre-se também uma certa malícia bem gasconha; encontra-se sobretudo, uma grande bondade.

Este olhar não é de um sonhador, nem de um “devoto”, tal como existia no século XVII e que o próprio São Vicente denunciava com vigor e humor em uma famosa passagem:

“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus com a força de nossos braços e o suor de nosso rosto. Muitas vezes os atos de amor a Deus, de complacência, de benevolência e outros semelhantes afetos e práticas interiores de um coração que ama, ainda que muito bons e desejáveis, tornam-se suspeitos, quando não se chega à prática do amor efetivo. “Nisto, diz Nosso Senhor, meu Pai é glorificado pois, produzireis muitos frutos”. É nisto que devemos ser bastante cuidadosos; pois há muitos que, para ter o exterior bem composto e o interior repleto de grandes sentimentos de Deus, se detém a isto; e quando se encontram numa ocasião para agir, eles nada fazem. Orgulham-se de sua imaginação, contentam-se com conversas gentis que têm com Deus durante a oração, falam mesmo como anjos; mas ao sair de lá, vem o momento de trabalhar por Deus, de sofrer, de mortificar-se, de instruir os pobres, de ir buscar a ovelha perdida, de aceitar quando algo lhes falta, de aceitar as doenças ou qualquer outro infortúnio, infelizmente, não existe mais ninguém, falta-lhes coragem. Não, não nos enganemos” (XI, 40.)

MAS, PORQUE A HISTÓRIA DE UM OLHAR?

Sabemos que o Evangelho, muitas vezes, destaca o olhar de Cristo... como se isto tivesse alguma importância no anúncio da mensagem, No episódio do homem da mão ressecada, São Lucas destaca: *“passando o olhar sobre todos eles, Jesus disse: ‘Estende a mão”* (Lc 6, 10). Sobre a viúva de Naim: *“Vendo-a o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: Não chores!”* (Lc 7, 13). Para o jovem rico: *“Jesus fixou nele o olhar, amou-o”* (Mc 10, 21). E na Paixão, após a negação: *“e no mesmo instante, quando ainda falava, cantou o galo. Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro...”* (Lc 22, 61). Sem querer recorrer aos textos, parece-me provável que os Evangelistas e testemunhas estavam as vezes impressionados pelos olhares do Cristo porque, sem dúvida, eles percebiam neste olhar uma certa qualidade de relacionamento com os homens.

Nas conferências e escritos de São Vicente, os verbos *VER* e *OLHAR* são igualmente muito empregados e as vezes de maneira muito significativa.

Ao Papa Inocêncio X, à quem foi pedido para intervir em favor da paz, ele descreve os horrores e as injustiças da guerra e acrescenta: *“é pouco somente escutar e ler sobre essas coisas, é necessário VÊ-LAS E CONSTATÁ-LAS COM SEUS OLHOS”* (IV, 458).

Ao Irmão Jean Parre que organiza o socorro na Picardie, ele escreve sobre a ajuda aos pobres: *“para bem discerni-los, deve-se ir aos pobres VÊ-LOS, PARA CONSTATAR com os olhos os mais necessitados e aqueles que o são menos”* (VI, 367).

Quando se conhece um pouco São Vicente, podemos ficar admirados com todas essas saborosas expressões que se referem ao *VER*. Na verdade, São Vicente não é um teórico, ele é um homem do concreto, um homem de experiência que tem necessidade de ver, de olhar para analisar e empreender.

“O olhar sobre o pobre” parece, portanto, ser um tema de estudo válido e rico no que se refere a São Vicente, visto que se suspeita que este será muito superior ao inventário dos olhares de São Vicente sobre os pobres. O olhar, tal como o compreendemos aqui, é o lugar misterioso do encontro entre a realidade e a personalidade, este lugar de síntese entre o que se vê e o que se é. “A história de um olhar sobre o pobre” deveria ser assim, a história de uma personalidade, de uma santidade..., a história do Padre Vicente em sua relação com os pobres.

1. UM OLHAR QUE SE FORMA, UM OLHAR QUE SE BUSCA (1581-1617)

Quando falamos em Óptica há uma operação que se assemelha bastante com esta primeira etapa da vida de São Vicente: *a acomodação*. Esta operação, que acontece progressivamente, através de experiências sucessivas, conduz o olhar ao objetivo e à imagens cada vez mais nítidas. Foi assim, que de certo modo, o olhar de São Vicente sobre os pobres foi formado e purificado. Talvez, num primeiro momento, entre 1581 e 1595, o jovem Vicente estivesse muito próximo, muito implicado numa situação de pobreza para ter uma

visão objetiva. Depois, num segundo momento, entre 1595 e 1617, ele estava mais distante. Porém, esta primeira e longa etapa, certamente, foi uma das mais úteis para a acomodação do olhar de São Vicente sobre os pobres.

1. UM OLHAR DO INTERIOR (1581-1595)

Os primeiros olhares de São Vicente sobre os pobres foram olhares sobre os seus pais, sua família, seus vizinhos, seu ambiente. *Um olhar de pobre sobre os pobres*.

Vicente nasceu em abril de 1581, no vilarejo de Pouy, próximo de Dax. Era o terceiro de seis filhos (4 homens e 2 mulheres). Seu pai Jean de Paul e sua mãe Bertrande de Moras eram, segundo sua expressão, “pobres lavradores” proprietários de uma pequena fazenda de alguns alqueires de terra; Foi nesta fazenda que viveu até os seus catorze anos, rodeado de afeição, sem dúvida, mas muito cedo, submetido a vida dura “do pobre povo do campo”: “*Sou filho de um lavrador que guardava porcos e vacas*” (IV, 215).

Esta primeira experiência de pobreza e do trabalho será marcante para ele, como são sempre marcantes as primeiras experiências da infância, do meio familiar e social. Assim, Vicente viu os pobres, primeiro “do interior”, e em muitas passagens de seus escritos e conferências, podemos facilmente encontrar este olhar de criança para sua mãe e suas irmãs voltando do campo, para o seu pai, seus irmãos, seus vizinhos trabalhando sob um sol escaldante para recolher um pouco de “milho miúdo” e alimentar a família.

Aliás, são exatamente destas lembranças de infância que São Vicente retira seus exemplos quando ele fala ao pobre povo do campo.

“Falar-vos-ei com mais gosto, diz às primeiras Filhas da Caridade, das virtudes das boas aldeãs, devido ao conhecimento que delas tenho, por EXPERIÊNCIA e por NATUREZA, sendo filho dum pobre lavrador e tendo vivido no campo até a idade de quinze anos” (Conf. de 25 de janeiro de 1643, pág.52).

Observaremos a insistência “por experiência e por natureza” e a referência explícita a estes catorze primeiros anos. Portanto, é muito provável que nas descrições tão realistas que o acompanham, São Vicente recorde, através do pensamento, sua mãe, suas irmãs. Ele tinha, então, 62 anos, porém suas lembranças de infância permanecem sensíveis e precisas.

“As boas aldeãs não se gloriam do que têm...não pensam ter espírito, procedem com simplicidade (...) são sóbrias na alimentação. A maior parte contenta-se, muitas vezes, com o pão e a sopa, apesar de trabalharem incessantemente e em trabalhos pesados... Na minha terra, minhas queridas Irmãs, alimentam-se com um grãozinho, a que chamam de milho miúdo e que põem a cozer numa panela. A hora da refeição deitam tudo na vasilha, e as pessoas da casa põem-se todas em volta para comer, e depois vão para o trabalho” (idem, págs. 53-54)

Estas últimas palavras “e depois vão para o trabalho” são talvez as mais significativas sobre o ritmo de vida na pobre família de "Ranquines", as refeições eram somente uma curta pausa, em um dia de muito trabalho. Aliás, São Vicente continua.

“(As pobres aldeãs) se contentam com o que têm, seja no vestuário, seja na alimentação. ...Regressam a casa, abatidas e cansadas do seu trabalho para tomar uma magra refeição, todas molhadas e enlameadas, e mal aí chegam, se o tempo se põe bom para o trabalho, ou se o pai ou a mãe lhes mandam voltar, lá vão imediatamente de novo para o trabalho sem pensar no seu cansaço, nem na lama, e sem reparar como estão arranjadas” (idem, págs. 56 e 58).

Estas descrições são de um realismo que impressiona. São Vicente, criança, adolescente, viveu claramente, estas pobres refeições encurtadas, por causa do trabalho, viu sua mãe e suas irmãs “abatidas,

cansadas, molhadas e enlameadas”; comeu na vasilha o milho miúdo. Muito jovem, aprendeu a considerar o pão como um luxo (idem, pág. 55).

Muitas outras passagens dos escritos ou conferências de São Vicente estão enraizadas nesta primeira experiência familiar de pobreza. Encontramos, às vezes, ecos de um sentimento de injustiça, ou até mesmo de revolta que marca o mundo dos pobres e que é gerado, inevitavelmente, na miséria. Nestes textos, por exemplo, São Vicente coloca em paralelo a vida aburguesada e muito fácil dos eclesiásticos e a vida rude dos camponeses.

*“Se há uma verdadeira religião... mas que digo, ó miserável!... Se há uma verdadeira religião! Deus me perdoe! Falo materialmente. É entre eles, entre essa pobre gente, que se conserva a verdadeira religião, uma fé viva: eles crêem simplesmente, sem vacilar; submissão às ordens; paciência nas misérias a sofrer, tanto quanto aprouver a Deus, uns por causa das guerras, outros a trabalhar o dia todo ao ardor do sol; pobres vinhateiros, que nos dão do seu trabalho, que esperam que rezemos por eles, enquanto eles se fadigam para nos alimentar! Buscamos sombra, não desejaríamos sair sob o sol; amamos muito nossas comodidades! Ao menos, na missão, estamos dentro da Igreja para nos abrigar das intempéries, do calor do sol, da chuva, às quais esta pobre gente está exposta. E gritamos por ajuda, se nos dão um pouco mais de ocupação que as habituais. **Meu** quarto, **meus** livros, **minha** missa! Vivemos do patrimônio de Jesus Cristo, *do suor dos pobres*. Tenho sempre este pensamento que me dá grande confusão: “miserável, ganhaste o pão que vais comer? **ESTE PÃO TE VEM DO TRABALHO DOS POBRES**. (XI, 200-201).*

Este é um outro tom inconfundível, uma veemência, e até mesmo uma violência nascidas da verdadeira experiência e do ambiente hostil dos pobres, da vida real e concreta dos pobres.

Após 1617, veremos que, com relação aos pobres, São Vicente vai sempre sentir-se “um deles”. Ele olhará para eles como um pobre olha para os pobres, vai lhes falar como um pobre fala com os pobres, porque, segundo sua própria expressão, ele conhece os pobres” por experiência e por natureza”.

Deste fato, sua relação com os pobres é normalmente espontânea, exata, realista, sem complexo nem exageros. É “do meio” como diríamos, atualmente, seu olhar é do “interior” percebe naturalmente os valores deste mundo dos humildes, dos trabalhadores, mas também, seus limites e seus erros. Conhece as astúcias da miséria, fala delas de uma maneira tão realista que hoje, pode até *parecer* chocante (XI, 32; VI, 367...). É preciso ser do “meio” para ousar falar desta maneira, sem complacência, nem censura, no mundo dos pobres, a dureza é muitas vezes uma forma de sinceridade e o hábito da verdade. Durante catorze anos, São Vicente viveu neste mundo. É, inicialmente, nestes anos que a caridade se enraíza e se modela.

O fato de ter sido pobre, de ter saído do mundo dos pobres, do “meio social” dos pobres, certamente deu à caridade vicentina seu *realismo*. Após 1617, depois de sua “conversão”, São Vicente verá no pobre uma presença misteriosa de Jesus Cristo. Mas esta autêntica aproximação mística do pobre, jamais vai diminuir, de maneira nenhuma, o encontro com a pessoa *humana* do pobre e as condições concretas e sociais de sua vida. Para São Vicente, o pobre será sempre e antes de tudo, este homem, esta mulher, esta criança viva numa dada situação de miséria e de injustiça.

Devemos aqui mencionar todos os estudos minuciosos, os contatos diretos, verdadeiras pesquisas com exatidões sociológicas, feitas no local, antes mesmo de uma abordagem oficial que, muitas vezes, precediam as intervenções caridosas e sociais de São Vicente, quer se tratassem das prisões, das crianças abandonadas, dos mendigos, dos desempregados de Joigny ou do socorro em favor das vítimas da guerra.

Sob o pretexto da caridade cristã e sobrenatural, teve-se a tendência de, às vezes, esquecer ou minimizar os valores e realidades humanas: São Vicente jamais caiu nesta armadilha que desfigura a caridade. Esta atenção ao homem, este realismo “social” na relação aos pobres, certamente, eles as retirou da “sua natureza e de sua experiência” de pobre aldeão. Durante os seus catorze primeiros anos, em Pouy, ele

teve muito tempo para perceber que nem os bons pensamentos, nem as belas palavras, nem mesmo as fervorosas orações não eram suficientes, aliás, não mais que as esmolas, diante da pobreza, da miséria e da injustiça. Este olhar de pobre sobre os pobres, este olhar do “interior” tem a incontestável e profunda marca da caridade de São Vicente de Paulo e lhe deu sua qualidade humana e seu sólido realismo.

2. UM OLHAR DO “EXTERIOR” (1595-1617)

Estes primeiros catorze anos, em Pouy, foram os mais ricos. Padre Vicente, somente vai tomar consciência disso, muito mais tarde quando decidirá consagrar sua vida aos pobres.

Em 1595, aparentemente, sem arrependimento, o jovem Vicente deixa a fazenda dos seus pais, a dura vida de agricultor e, até 1617, as experiências se multiplicam, as situações se sucedem: aprendiz, estudante, viajante capelão da corte, pároco, tutor..., porém, neste período tão caótico, um projeto determinado e perseguido metodicamente: Padre Vicente quer mudar de “meio social” se naturalizar num outro ambiente. Afasta-se efetivamente, dos pobres e vê-los somente de longe, ocasionalmente... “do exterior”.

Em 1595, Vicente foi enviado para um pequeno colégio em Dax, próximo dos Franciscanos, onde vive com uma família burguesa: os Comet. Mudança abrupta, uma experiência inédita para um jovem das Landes que, até então, mal tinha saído da fazenda e da aldeia de Pouy. Sem dúvida, podemos encontrar o eco do que acontece, quando em sua psicologia e mentalidade sobre esta lembrança de infância, que ele mesmo evoca durante uma recente conferência que deu a seus missionários. São Vicente estava com 79 anos e seu pai tinha morrido há 62 anos!

“Pensava ainda há pouco, e me lembrava quando eu era um garoto, quando meu pai me levava com ele para a cidade, porque ele estava mal vestido e mancava um pouco, eu tinha vergonha de ir com ele e de reconhecê-lo como meu pai...Peço perdão a Deus, à vós também e a toda a Companhia”(XII, 432).

Estudando em Dax, o jovem Vicente já começa a afastar-se um pouco do seu meio. Ele saiu de Pouy para estudar e obter uma situação que lhe permitisse ajudar a sua família. É também o que seus pais esperam e, em seu testamento, seu pai pede que tudo seja feito para que Vicente possa continuar seus estudos. Pois, naquela época, o caminho mais acessível para os pobres era o estado eclesiástico e é por esta via que Vicente empreende com uma certa precipitação e muito sucesso.

Praticamente semi-analfabeto aos 14 anos, ele foi ordenado Sacerdote aos 19 anos e meio, enquanto estava estudando teologia na Universidade de Toulouse. Como muitos estudantes pobres, assume a direção de uma pequena pensão em Buzet no Tarn. Bacharel em Teologia pela Universidade, o que já o coloca em um nível muito honroso, no clero da época, Vicente de Paulo empreende uma série de viagens em vista de ajustar a situação conforme suas grandes ambições... um bispo, talvez? Ele vai para Bordeaux, Marseille, duas vezes à Roma e Avignon. Durante dois anos, perdemos seus traços. É neste momento que situamos a narrativa contestada do seu cativo em Barbarie. Vamos reencontrá-lo em 1608 à Paris onde está apressado em estabelecer relações que lhe permitam entrar no grupo de capelães da corte da Rainha Margarida de Valois (Rainha Margot). Estamos em 1610, o jovem Padre Vicente tem 29 anos e é quando ele escreve à sua mãe esta carta, datada de 17 de fevereiro, que revela claramente seu projeto, como também seu grande apego à sua família.

17 de fevereiro de 1610.

A segurança que o senhor de Saint-Martin me deu a respeito de vossa boa saúde me alegrou tanto que a temporada que ainda devo permanecer nesta cidade, a fim de recuperar a oportunidade de minha promoção (que me foi arrebatada por meus contra tempos) torna-se penosa para mim pois, me impede de ir

prestar-lhe os serviços que lhe devo. Mas, espero que a Graça de Deus abençoe meus trabalhos e me dê em breve, o meio para obter uma honesta aposentadoria, a fim de empregar o resto dos meus dias junto a senhora. Falei com o senhor de Saint-Martin sobre a situação dos meus negócios, que me testemunhou desejar continuar a benevolência e o afeto que o senhor de Comet se comprazia em nos conceder. Pedi-lhe que vos comunique tudo. Gostaria muito de saber a situação dos assuntos da casa e se todos os meus irmãos e irmãs e o restante dos nossos familiares e amigos estão bem, e especialmente se meu irmão Gayon se casou e com quem. Além disso, como estão os negócios da minha irmã Maria, de Paillole, e se ainda vive na mesma casa com seu cunhado Bertrand. Quanto à minha outra irmã, espero que esteja bem, tanto quanto agrade a Deus de mantê-la acompanhada. Desejaria também que meu irmão fizesse algum dos meus sobrinhos estudar. Meus infortúnios e o pouco serviço, que até agora pude prestar à casa, poderão, possivelmente, tirar-lhe a vontade; mas que ele compreenda que o presente infortúnio pode pressupor uma felicidade no futuro.

Isto, minha mãe, é tudo o que posso lhe dizer para o momento, e peço-vos apresentar minhas humildes recomendações a todos os meus irmãos e irmãs e a todos os nossos outros familiares e amigos. Peço a Deus sem cessar por sua saúde e pela prosperidade da casa, como aquele, minha mãe que vos é e sempre será, o mais humilde, o mais obediente e dedicado filho e servo.

DEPAUL

Peço-vos de apresentar minhas humildes recomendações a todos os meus irmãos e irmãs e a todos os nossos amigos, e especialmente à Bétan. (I, 18-20).

“A oportunidade de minha promoção”... “meio para obter uma honesta aposentadoria”... “a situação dos meus negócios” .. Tantas outras expressões que explicam bem a mentalidade, o projeto do Padre Vicente em 1610 e sem dúvidas, desde muito tempo. Nada é tão escandaloso, mas nada que, de alguma maneira, deixa perceber o futuro. Aos 29 anos, São Vicente pensa numa honesta aposentadoria e pensa para breve.

E é neste exato momento, que ele acredita se aproximar dos seus objetivos que as decepções e dificuldades se multiplicam. No ano anterior, ele foi acusado publicamente por um roubo que não cometeu. Esta foi uma grande provação. Ele que estava engajado em estabelecer influentes relações vê-se brutalmente obrigado a mudar de bairro e paróquia.

MAS, QUAL É O TIPO DE OLHAR QUE SÃO VICENTE TEM SOBRE OS POBRES, EM 1617?

Em 1595, Vicente entrada no pequeno colégio em Dax, a questão dos pobres não lhe ocupava o pensamento. Seus vinte e dois anos foram sobretudo consagrados à busca de um projeto humano, um desejo de promoção e de busca por uma situação melhor. Aqui, existe apenas o egoísmo ou a vaidade. Padre Vicente sabe que sua família faz grandes sacrifícios por seus estudos, ele considera o sucesso humano e o retorno à sua terra como uma espécie de justiça.

Em 1622, por ocasião de uma missão em Bordeaux, irá à Pouy, lá, encontrará sua família na mesma pobreza e voltará transtornado. Ele mesmo nos conta:

“O dia que eu parti, senti tanta dor ao deixar meus pobres pais, que não fiz outra coisa senão chorar durante todo o caminho, derramando lágrimas quase sem parar. Com as lágrimas veio o desejo de ajudá-los e de colocá-los em melhores condições, em dar isto ou aquilo para tal ou tal pessoa. Meu espírito comove-se e partilha assim o que eu tinha e o que eu não tinha....Foram três meses nesta paixão importuna de melhorar a situação dos meus irmãos e irmãs; este foi o peso contínuo do meu pobre espírito” (Coste XII,219).

Este testemunho permite melhor compreender o que foi o projeto e a ambição do Padre Vicente entre 1595 à 1617...período durante o qual “os pobres” não tinham espaço. Talvez, seus projetos tenham

sido colocados à parte, feliz parênteses de Clichy. Deslizando progressiva e metodicamente no mundo dos grandes e dos ricos, ele vê os pobres somente de longe, do “exterior”, e os vê do lado dos ricos e em seu nome...

Abordamos aqui o aspecto do comportamento e a espiritualidade de São Vicente, aparentemente, bastante contraditória e muito provocativa para nossa mentalidade atual. Após 1617 e até a sua morte, São Vicente consagra todo seu tempo à evangelização e ao serviço dos pobres. No entanto, ele continuará a manter o contato com os grandes, os ricos e os poderosos. Como o “olhar de São Vicente” pode assim, conciliar a paixão pelos pobres e uma benevolência, uma preocupação profundamente pastoral por todos? A resposta está talvez, no famoso sermão de Bossuet “*sobre a eminente dignidade dos pobres*”, um sermão que dizem ter sido solicitado e inspirado pelo próprio São Vicente, no final de sua vida.

Neste sermão, a concepção da Igreja aparece legalmente invertida, pelo simples fato de que os pobres aí ocupam o primeiro lugar. Os poderosos e os ricos não são excluídos, porém, só entrarão e serão salvos na medida em que colocarem seu poder e sua riqueza a serviço dos pobres. E Bossuet conclui:

“Portanto, a Igreja de Jesus Cristo é verdadeiramente a Cidade dos Pobres. Os ricos, não temo lhes dizer, na qualidade de ricos...sofrem somente pela tolerância. Vinde, portanto, ó ricos, a porta da Igreja vos está aberta, mas ela vos está aberta *em favor dos pobres e na condição de servi-los*. É por amor à esses filhos que Deus permite a entrada desses estrangeiros. Vede o milagre da pobreza. Os ricos eram estrangeiros, mas *o serviço dos pobres os NATURALIZA*. Consequentemente, ricos dos século, apoderaí-vos o tanto que vos agrade dos admiráveis títulos, vós os podeis usar no mundo; na Igreja de Jesus Cristo, vós sois somente *os servos dos pobres...*”

Talvez, este texto de Bossuet restitui com bastante fidelidade o que poderíamos chamar o pensamento “político, social e pastoral” de São Vicente e explicar seu comportamento na sociedade de seu tempo. O período de 1595-1617, e sobretudo a partir de 1610, permitiu-lhe ver de perto os defeitos e o “pecado” dos ricos, mas também os valores e os recursos inexplorados deste mundo e foi assim que “servindo os pobres”, pode “naturalizar” (nas palavras de Bossuet) tanto ricos e grandes, começando por Luísa de Marillac, ao abrir-lhes os olhos e o coração à miséria e a injustiça e conduzindo-os a tornarem-se “os servos” dos pobres.

II. UM OLHAR CENTRADO, UM OLHAR FIXO (1617)

Em janeiro de 1617, Padre Vicente é preceptor na família dos Gondi. Acredita ter alcançado enfim esta situação invejável a qual desejou há anos. Porém, ele conhece uma grave crise espiritual e moral ; vive um desencantamento. Falando mais tarde sobre um eclesiástico que tinha vivido tal provação, ele o diz, lembrando-se, talvez, de sua própria experiência:

“E como ele não pregava, nem catequizava mais, encontra-se atormentado, no repouso onde estava, numa forte tentação contra a fé. O que, de passagem, nos ensina o quanto é perigoso ficar na ociosidade, seja do corpo ou da mente: pois, como uma terra, quão boa possa ser, se no entanto, for deixada sem cultivo, imediatamente produzirá de cardos e espinhos, assim também, nossa alma não pode resistir muito tempo em repouso e na ociosidade, sem que sinta algumas paixões ou tentações que a levem para o mal” (XI, 33.)

É neste estado que o Padre Vicente começa o famoso ano de 1617. Certamente, ele está bem longe de imaginar o caminho que vai percorrer ao longo deste ano, sobretudo por causa dos dois acontecimentos que vão desarrumar e reorientar o sentido de sua vida.

1. GANNES - FOLLEVILLE, 25 DE JANEIRO DE 1617

No final de janeiro de 1617, Madame de Gondi estava passando em um dos seus castelos, em Folleville (Somme). Padre Vicente que a acompanha é chamado à cabeceira de um moribundo na aldeia

vizinha de Gannes. Dirige-se até ele e confessa o homem... Deixemos o próprio Padre Vicente nos contar o que aconteceu:

“A graça conduziu o camponês de Gannes a confessar publicamente os pecados graves de sua vida, mesmo diante da Madame de Gondi, da qual ele era um vassalo. “ Ó! Padre, o que é isto? perguntame esta virtuosa dama. O que é isto que acabamos de ouvir? Certamente é o mesmo para a maioria desta pobre gente. Ah! Se este homem, que era considerado um homem de bem, estava em estado de condenação, o que será destes outros que vivem pior ? Ah! Padre Vicente, quantas almas se perdem ! o que poderá a isto remediar ?...”

Isto aconteceu no mês de janeiro de 1617 ; e, na festa da Conversão de São Paulo, dia 25 do mesmo mês, esta senhora pediu-me que fizesse uma homilia na Igreja de Folleville, a fim de exortar os habitantes à confissão geral, o que fiz. Mostrei-lhes a importância e a utilidade da confissão, e depois lhes ensinei como fazê-la bem; Deus levou em consideração a confiança e boa-fé desta senhora, antes que o grande número e a enormidade de seus pecados pudessem impedir o fruto deste apostolado e o abençoou de modo especial. Toda essa boa gente ficou tão voltada para Deus, que veio fazer sua confissão geral. Continuei instruindo-os e dispondo-os a receber os sacramentos e comecei a ouvi-los em confissão. O desejo, porém de se confessar em seguida foi tão grande que, não podendo atendê-los juntamente com um padre que me ajudava, a Senhora de Gondi mandou pedir aos Reverendos Padres Jesuítas de Amiens que viessem nos ajudar.....

Depois, fomos às outras aldeias que pertenciam à Madame em suas terras, e fizemos como com o primeiro. Houve uma grande afluência e Deus abençoou. Eis aqui o primeiro sermão da Missão e o sucesso que Deus lhe concede, no dia da Conversão de São Paulo, e isto foi o que Deus fez, não sem seu desígnio para um tal dia” (XI, 4-5).

A conclusão deste testemunho mostra a importância capital que São Vicente dá ao episódio de Gannes-Folleville e isto pode surpreender. Para um padre, de fato, especialmente no período da cristandade, como no início do século XVII, na França, o que é mais normal, que ser chamado à cabeceira de um moribundo? Isto é verdade, porém, o Padre Vicente é sacerdote há dezessete anos, e não teve outra experiência pastoral, a não ser a de Clichy, que durou dezesseis meses. Dezesseis meses em dezessete anos, é muito pouco, e o que, talvez, tivesse sido algo comum para um cura de paróquia, torna-se para ele, um verdadeiro acontecimento. Muito mais que, providencialmente, ele vive esta experiência em contato com Madame de Gondi que era bastante escrupulosa e sempre um pouco angustiada pelo medo da condenação.

Certamente, teríamos observado que, no testemunho de São Vicente, Madame de Gondi ocupa um lugar importante neste acontecimento. Parece que é ela quem reage primeiro, dramatizando e generalizando como as consciências escrupulosas podem fazê-lo: *“Ó! Padre (Vicente) o que é isto?... O que foi que acabamos de escutar?...Ah! Se este homem que era considerado de bem, estava neste estado de condenação, o que será dos outros que vivem pior? Ah! Padre Vicente, quantas almas se perdem! O que poderá a isto remediar?...”* É a Madame de Gondi que impulsiona o Padre Vicente a reagir, é ela que pede para ele pregar no dia seguinte, ela sugere o tema do sermão, enfim, é ela quem o convida para continuar a experiência nas outras aldeias.

E possível e provável que sem Madame de Gondi, o episódio de Gannes-Folleville teria menos importância e impacto. Como vimos, o Padre Vicente estava ainda num período de crise e sem dúvida, não tinha capacidade de reagir sozinho, nem positivamente. Mas, impulsionado por Madame de Gondi, aceita pregar no dia seguinte, 25 de janeiro, e à maneira como ele, em seu relato, insiste sobre o sucesso e a sequência desta pregação parecem indicar bem que temos aqui uma das chaves do acontecimento e de sua repercussão na personalidade e na vida de São Vicente. Psicologicamente, para um homem que duvida de si mesmo, um sucesso é sempre uma espécie de revelação, ou ao menos um encorajamento. Porém, além disso, parece certo que São Vicente sentiu-se interpelado e perturbado tanto pela reação massiva da paróquia de

Folleville quanto pela comovente confissão “pública” do camponês de Gannes. É evidente que esta pobre gente do campo está abandonada, quando basta-lhe apenas um padre, um sermão, um sinal de solicitude pastoral para suscitar entre eles um elã inesperado. “Toda essa boa gente foi tão tocada por Deus que vieram todos... e a multidão era tal que não se podia atender a todos” Foi preciso chamar os Padres Jesuítas de Amiens.

Isso aconteceu, em Folleville, em 25 de janeiro 1617 e, seis meses depois, o Padre Vicente deixava, secretamente, a família Gondi para assumir uma pequena paróquia em Châtillon-les-Dombes. Então, o que foi que aconteceu entre o dia 25 de janeiro e 1º de agosto de 1617, para que tal mudança fosse feita e que todo um projeto de “aposentadoria honesta” fosse bruscamente abandonado? Em muitos textos posteriores, sem dúvida, pode-se encontrar um eco das reflexões e revisões aflitivas do Padre Vicente durante estes seis meses: estas páginas, por exemplo, onde faz um paralelo do abandono dos pobres do campo e a precipitação do clero e dos religiosos para as cidades, ao redor dos ricos e dos grandes.

Diante do abandono dos pobres, que constata em Folleville e nas proximidades (começando por este pobre camponês de Gannes), sobretudo, diante da resposta maciça desta pobre gente ao anúncio da Palavra de Deus, sem dúvidas, São Vicente tem consciência da mediocridade, da inutilidade de sua vida de padre, durante estes dezessete anos. Enquanto ele procurou e encontrou uma situação boa e tranquila junto aos grandes, os pobres do campo viviam e morriam sem um sacerdote para evangelizá-los, nem para assisti-los. Como ele escreveu no contrato de fundação da Missão:

"Aqueles que vivem nas cidades deste reino recebem muitas ajudas pela quantidade de doutores e de religiosos... *restando, somente o pobre povo do campo que, sozinho, permanece como abandonado*" (XIII, 198).

Depois de 25 de janeiro de 1617, esta constatação torna-se quase que uma obsessão do Padre Vicente. Seu olhar, agora, não está mais centrado em si mesmo, sobre o seu futuro, sua aposentadoria, sua família. Definitivamente, ele está fixado nos pobres e por isso ele deixa os Gondi e todas as ideias de promoção para tornar-se, até o fim dos seus dias (Ele assim acredita!), um bom pároco do campo.

Uma decisão muito corajosa, até mesmo heróica para um homem de 36 anos, cuja idade para o século XVII já pesava, mas uma opção ainda limitada! Folleville revelou para o Padre Vicente *o abandono espiritual* da pobre gente do campo e ele vai para Châtillon para pregar, catequizar, preparar para os sacramentos e administrá-los. É certo que seu olhar está fixado nos pobres, mas nem *todos* os pobres. O episódio de Châtillon vai lhe revelar uma responsabilidade, uma vocação infinitamente maior e mais exigente!

2. CHÂTILLON (20 - 23 DE AGOSTO DE 1617)

Em 1º de agosto de 1617, Padre Vicente toma posse como pároco de Châtillon-les-Dombes (atualmente, Châtillon-sur-Charlaronne, próximo de Bourg-en-Bresse, Ain). É uma paróquia rural com aproximadamente 2.000 habitantes, uma das mais difíceis e abandonadas da região. Padre Vicente coloca-se ao trabalho e vinte dias após sua chegada, um segundo evento, aparentemente tão comum quanto o de Folleville, o interpela a melhor descobrir o que Deus quer dele.

O próprio Padre Vicente nos relata:

“Era pároco, posto que indigno, numa pequena paróquia. Vieram dizer-me que havia numa pobre granja, um homem doente e muito mal acomodado, e isto quando eu ia fazer a prática da missa. Descreveram-me a sua doença e a sua pobreza de tal maneira que, tomado de grande compaixão, o recomendei com tanta insistência e com tanta pena que todas as senhoras ficaram comovidas. Saíram da cidade mais de cinquenta; e eu fiz como os outros, visitei-o e encontrei-o em tal estado que julguei conveniente confessá-lo; e, quando levava o Santíssimo Sacramento, ao encontrar aqueles grupos de

senhoras, deu-me Deus este pensamento: “Não seria possível reunir estas boas senhoras e levá-las a darem-se a Deus para servir aos pobres doentes?” (Conf. de 22 de janeiro de 1645, sobre a observância do regulamento, pág. 141 e 142).

“Propus a toda essa boa gente a quem a caridade tinha animado para lá ir, que se revezassem de maneira a fazer uma cada dia a sopa. Não só para aqueles. mas para os que viessem depois e foi aquele o primeiro lugar onde se fundou a Caridade”. (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, sobre o amor da Vocação e assistência aos pobres, pág. 164 e 165)

Estamos em 20 de agosto de 1617 e três dias mais tarde foi efetivamente constituído uma associação das damas encarregadas de visitar, cuidar, alimentar todos os pobres doentes “em domicílio”, da Paróquia. Esta foi a **primeira fundação de São Vicente**.

Tanto o episódio de Châtillon, quanto o de Folleville parecem bastante comuns, mas, Padre Vicente está convencido que Deus se manifesta claramente, em ambos os casos. Falando sobre essas fundações, sobretudo a da Congregação da Missão e a da Companhia das Filhas da Caridade, ele afirma sempre que tudo, realmente, começou em Folleville e em Châtillon.

Parece que em Châtillon, o Padre Vicente tomou consciência de duas realidades que de agora em diante marcarão profundamente sua ação.

* primeiro: ele percebe que não pode haver evangelização dos pobres sem uma intervenção eficaz para *melhorar suas condições de vida*.

* segundo: ele descobre o lugar capital, o papel insubstituível dos *leigos* tanto para a evangelização como para a promoção dos pobres.

Em Folleville, o Padre Vicente sentiu-se comovido e interpelado pelo *abandono espiritual do pobre*, seu abandono pela Igreja, e sobretudo pelos padres. Em Châtillon, toma consciência de *seu abandono material*, abandonado pela sociedade ou, mais extamente, compreende que este abandono material concerne também e diretamente a Igreja e aos padres que não podem mais se limitar apenas à evangelização. De agora em diante, dois advérbios retornaram constantemente sobre os lábios e sobre os escritos de São Vicente: *“espiritualmente e corporalmente”*, dois advérbios que, para ele, tornam-se inseparáveis. Podemos encontrá-lo já no primeiro regulamento da Confraria da Caridade de Châtillon (novembro-dezembro 1617), em cuja introdução lemos:

*“Considerando que a caridade para com o próximo é um sinal infalível dos autênticos filhos de Deus e que uma de suas principais manifestações é visitar e alimentar os pobres doentes, algumas moças piedosas e virtuosas burguesas da cidade de Châtillon-les-Dombes, da diocese de Lião, desejando obterem misericórdia de Deus e serem verdadeiras filhas, suas, decidiram juntas prestar assistência **espiritual e corporal** aos que, em sua cidade, algumas vezes sofreram muito. E isso mais por falta de organização para socorrê-los, do que por falta de pessoas caridosas”* (Documentos nº02, pág. 03)

Muito embora tenha sido escrito num estilo que pode, hoje, parecer-nos um pouco difícil e antiquado (*“moças piedosas”, “virtuosas burguesas”...*), este regulamento da *primeira fundação* do Padre Vicente já contém o germe de tudo o que caracterizará sua ação caritativa e social. Encontramos aí seu impressionante senso de observação e de organização, seu respeito sobretudo pela pessoa do pobre e a preocupação que sempre tem de sua promoção. Convém aqui citar ao menos esta passagem concernente da visita dos pobres doentes. Claramente, Vicente quer fazer compreender a estas mulheres que o pobre doente tem direito aos mesmos cuidados, ao mesmo respeito que os grandes da sociedade.

*“Aquela que estiver em serviço, tendo apanhado com a tesoureira o necessário para a alimentação dos pobres neste dia, preparará o almoço e levá-lo-á aos doentes. Encontrando-os, cumprimentá-los-á alegre e caridosamente, arrumará a mesinha sobre a cama, porá uma toalha em cima, a caneca fina e comprida, uma colher e um pedaço de pão. Fará com que os doentes lavem as mãos e dirá o *Benedicite*; porá tempero na sopa da tigela e, carne num prato, arrumando tudo na mesinha. Depois, com bondade, convidará o doente para comer...”* (Documentos nº02, pág. 7).

Lembre-mo-nos da descrição da refeição em “Ranquines” quando São Vicente era criança: do milho miúdo que se colocava para cozinhar numa panela e que depois deitavam num único prato, e todos os membros da família vinham se servir. Não havia toalhas, nem caneca, nem pratos! Os gestos que o Padre Vicente prescreve aos membros da Confraria de Châtillon são os mesmos que ele observou junto aos grandes e exige que os mais pobres sejam tratados da mesma maneira e que as “damas”, junto a cabeceira dos doentes se comportem, exatamente, como as servas da Madame de Gondi! São estes detalhes que aqui já revelam o que será uma das maiores características da relação de São Vicente com os pobres: o respeito, o senso de dignidade, a preocupação com sua promoção.

E o regulamento continua:

“Dir-lhe-á uma palavrinha de Nosso Senhor e, neste sentimento procurará alegrá-lo se estiver muito desolado. Em certas circunstâncias, cortará a carne para o doente, colocará no copo o que beber, pondo-o assim em condições de começar a comer; se houver alguém perto dele, deixá-lo-á, indo ao encontro do outro para tratá-lo do mesmo modo, lembrando-se sempre de começar por aquele que tiver alguma companhia e terminar por quem está sozinho, A FIM DE PODER FICAR MAIS TEMPO COM ELE. À tarde, voltará para lhes trazer o jantar, seguindo a mesma “cerimônia” e ordem acima indicadas...” (Documentos nº02, pág. 7).

Podemos observar a delicada atenção para com os pobres doentes que estão sozinhos. Mesmo quando São Vicente vai assumir as maiores responsabilidades no reino: intervindo na reorganização das prisões, dos hospitais, das escolas, etc...ele vai preocupar-se sempre com o respeito a pessoa do pobre, e permanecerá sensível e suscetível a tudo o que se refere a sua dignidade.

Chegando em Châtillon para pregar, catequizar, evangelizar, o Padre Vicente lançou o que hoje, chamaríamos de uma “ação social”. Compreendeu que a verdadeira evangelização do pobre passa, inicialmente, pela busca de soluções diante da situação de injustiça e de miséria. Ele compreendeu igualmente que, nesta área, os leigos tinham uma função, insubstituível, a desempenhar. Esta última descoberta pode parecer, atualmente, bastante insignificante; mas era meritória e importante para o século XVIII. E sabemos que as oito mulheres que constituíram a primeira Confraria da Caridade de Châtillon foram seguidas por um número incalculável de mulheres e homens, ricos e pobres, que São Vicente soube reagrupar, organizar e animar para a evangelização e o serviço dos pobres... Esta é ainda uma característica essencial da ação e da espiritualidade vicentina que sem dúvida, tem sua origem no episódio de Châtillon.

O ano de 1617 teria sido, portanto, um ano particularmente rico para São Vicente, o ano da “conversão”. No início de janeiro, ele estava ainda hesitante, desencantado, perturbado em sua fé, incerto. E eis aqui decidido a consagrar o resto de sua vida à evangelização e promoção dos pobres.

Seu olhar está definitivamente fixado, centrado no pobre, a ponto de que todo o resto e todos os outros são percebidos em função dos pobres. Seu olhar está centrado sobre *TODO* o pobre, ao ponto de não mais poder dissociar promoção humana e evangelização, dignidade da pessoa do pobre e a dimensão social da injustiça na qual ele é vítima. Este é o balanço daquilo que podemos chamar da “conversão” de São Vicente de Paulo em 1617, que se traduz *de certa maneira em ver o pobre e ver sua própria vida, o mundo e a Igreja, EM FUNÇÃO dos pobres.*

III .UM OLHAR QUE SE EXPANDE, UM OLHAR UNIVERSAL (1618-1648...)

Após a experiência espiritual pastoral de Châtillon, São Vicente acredita ter finalmente encontrado sua vocação, seu caminho: ele será pároco do campo, como “Cura de Ars” cerca de duzentos anos depois, aproximadamente na mesma região. Um pároco do campo tendo um projeto (um projeto pastoral, diria atualmente): dar prioridade aos pobres, suscitar e animar para isto os leigos, zelar para ter sempre a frente a promoção (São Vicente dizia serviço) e evangelização. Encontramos nos documentos do processo de beatificação o impressionante balanço de sua ação pastoral, durante os quase seis meses de presença na paróquia de Châtillon (XIII, 45-54).

Foram apenas seis meses, porque a Família dos Gondi não estava contente com a sua partida e

tomou todas as medidas necessárias para obrigá-lo moralmente a retomar o seu posto. São Vicente deixa Châtillon, antes do Natal de 1617, mas não volta para a casa dos Gondi para retomar seu posto de preceptor. Ele volta para se consagrar totalmente aos 7 ou 8.000 pobres aldeões que viviam sobre as extensas terras da família. Talvez, a lembrança do pobre idoso de Gannes tenha tido alguma influência nesta decisão que, como veremos, não significa retroceder...mas ao contrário! São Vicente sente-se chamado a ser e permanecer um bom pároco do campo ; a Providência o destinou à um campo de ação infinitamente maior e, dia-a-dia, experiência após experiência, vai progressivamente tomando consciência.

Voltando para os Gondi, ele vislumbra explorar e tornar rentável as capitais experiências de Gannes- Folleville e de Châtillon : ele vai pregar missões, em cada uma das aldeias situadas nas terras dos Gondi (como em Folleville) e constituirá as equipes de leigos para ajudar os pobres doentes, inspirando-se na primeira Confraria da Caridade de Châtillon. Os objetivos são claros e o campo delimitado: “missões rurais”, “confrarias” para os pobres doentes em domicílio. Missão e confrarias eram de alguma maneira as duas vertentes de sua ação pastoral e social.

No início do ano de 1618, ele acredita poder permanecer lá e viver assim, seu sacerdócio e seu carisma. Ele perfeitamente assimilou as experiências de Gannes-Folleville e de Châtillon e vai através delas, beneficiar os pobres aldeões.

Porém, decididamente, São Vicente não é um especialista, nem homem de um território limitado. Ele é bastante atencioso ao que hoje, chamaríamos “os sinais dos tempos”. Para o momento, *sociologicamente*, ele se dirige somente aos pobres do mundo rural; *geograficamente* limita-se ao seu território, embora grande, dos Gondi. Entre 1618 e 1648, *os acontecimentos* que, para ele, como dizia Pascal, serão “os *MESTRES que Deus nos dá*”, vão conduzir à expansão definitiva de sua concepção sociológica dos pobres, estendendo seu olhar e o sentido de sua responsabilidade até a extremidade do mundo.

Para seguir este caminho providencial de uma conversão, assumindo irresistivelmente as dimensões da Igreja e do mundo, o melhor é, sem dúvidas, evocar rapidamente a evolução das três principais fundações de São Vicente, do ponto de vista sociológico, e depois geográfico: primeiro as Confrarias da Caridade, depois a Congregação da Missão e por fim, a Companhia das Filhas da Caridade.

1. *UM OLHAR QUE SE EXPANDE*

Do encontro com um pobre à descoberta de TODOS os POBRES.

A) AS “CONFRARIAS”

Quando São Vicente retorna às terras dos Gondi, pretende estabelecer em cada aldeia “uma confraria” conforme o modelo de Châtillon para a visita dos doentes pobres *em domicílio*. Mas em setembro de 1618, pregando uma missão em Joigny, ele visita um pequeno hospital. Desde a experiência de Châtillon, ele pensava que os doentes mais abandonados eram aqueles que permaneciam longe de tudo e de todos, mas percebe que os pobres “hospitalizados” são igualmente, dentre eles, os mais desprezados. Seja como for, sua jovem fundação vai evoluir para responder a este apelo (XIII, 441). Neste caso preciso, a evolução é mínima e sem problema porque trata-se de abrir uma instituição concebida para os pobres doentes em domicílio, para os doentes hospitalizados, porém, o que se pode chamar de “*reflexo vicentino*” já é perceptível. *São Vicente não é um especialista, nem um homem de instituição. Ele aceita espontaneamente a realidade do pobre tal como ela é, qualquer que seja. Modifica o plano, o projeto e as estruturas para adaptá-los continuamente à realidade do pobre e aos seus apelos circunstanciais.*

Em 1619, sob a intervenção do senhor de Gondi, Vicente é nomeado “capelão geral das galeras” (hoje, o equivalente, talvez, ao Capelão geral das Prisões). Esta responsabilidade o aproximou de uma nova forma de miséria e percebe-se que rapidamente sua fundação das “Confrarias da Caridade” se adapta para responder a este apelo dos pobres prisioneiros (XIII, 475).

Em 23 de outubro de 1620, a “Confraria” é ainda remodelada e, desta vez, de cima para baixo, tornando-se uma associação mista. Mais uma vez, o olhar de São Vicente amplia-se consideravelmente...ao ritmo dos seus encontros e observações. Até então, além do caso dos prisioneiros, ele se limitou ao serviço

dos pobres doentes (que aliás, vão permanecer na ação de São Vicente como espécie de predileção e de prioridade); porém uma experiência mais ampla o conduziu a tornar-se consciente da quantidade de outras formas e situações de misérias e de injustiça: as crianças pobres (problemas de educação e de aprendizagem), os idosos, os adultos sem trabalho, os órfãos, as viúvas e mesmo o que ele chama “os pobres envergonhados”: os arruinados por causa das guerras. Como sempre, o “reflexo vicentino” se manifesta rápido, transformando e adaptando a estrutura da confraria para responder eficazmente a estes diferentes apelos dos pobres (cf. XIII, 484).

Estamos em 1620, há apenas três anos após a “revelação” de Châtillon e já bem distante destas “oito piedosas damas e virtuosas burguesas” do primeiro regulamento das “Confrarias”. Desde então, o olhar de São Vicente se estendeu aos hospitais, às prisões, às escolas, aos idosos, às viúvas pobres e aos “pobres envergonhados”. E assim o será até a morte de São Vicente e seguirá, no que diz respeito as “Confrarias da Caridade (hoje, Equipes de São Vicente na França) e Associação Internacional das Caridade (no plano internacional).

b) A CONGREGAÇÃO DA MISSÃO.

Fundada por São Vicente em 17 de abril de 1625. O processo é exatamente o mesmo: trata-se, inicialmente, de uma pequena equipe de padres consagrados à evangelização da “*pobre gente do campo*”, vivendo e trabalhando nas terras dos Gondi: uma instituição, portanto, especializada e “localizada” (XIII, 197 - 202).

Muito rapidamente, esta “especialização sociológica” e esta limitação geográfica são provocadas e contestadas pelas realidades, pelas exigências e pelos apelos dos pobres. E, neste caso ainda, a estrutura, os projetos, os planos da Congregação da Missão não param de evoluir, de adaptar-se às novas situações de pobreza que enfrentam. Condições, particularmente, inquietantes para um jovem instituto. Numa de suas melhores conferências, em 6 de Dezembro de 1658 (XII, 73-94), São Vicente, com 78 anos, evoca, imita e quase que ridiculariza (em bom gascão) as atitudes e reações desses jovens discípulos muito medrosos e sem ânimo diante do impressionante leque de compromissos missionários e sociais que lhe são propostos:

“Mas, quem poderá nos desviar deste bens começados? São os espíritos libertinos, libertinos, libertinos, que pedem somente para se divertir e bastando que tenham algo para jantar, sem preocupar-se com outra coisa. Quem ainda? Estes serão...é melhor que eu não os diga! Estas serão pessoas mimadas (dizia isto, nota do secretário, colocando as mãos sob as axilas, imitando o preguiçoso), pessoas que TEM SOMENTE UMA VISÃO PEQUENA, QUE REDUZEM suas opiniões e seus desígnios a uma CIRCUNFERÊNCIA QUALQUER, que se fecham sobre um ponto, de onde NÃO QUEREM SAIR. Se lhe mostramos algo MAIS e eles se aproximam para considerá-la, rapidamente, eles retornam para o seu centro, COMO OS CARACOIS...(e o secretário claramente subjugado pelo conteúdo e a forma expressada no momento, acrescenta em nota: ele fazia alguns gestos e movimentos com a cabeça e com uma certa entonação de voz desdenhosa, para melhor expressar o que queria dizer e o que dizia” (XII, 92-93).

É verdade que para seguir São Vicente na Congregação da Missão, é melhor não ser um “caracol”! Inicialmente fundada para a evangelização da pobre gente do campo, o instituto teve que se adaptar, progressivamente, a todas as formas e situações de misérias e injustiças que São Vicente descobria e encontrava tanto na cidade como no campo, nas prisões, nos hospitais, nos orfanatos, etc. Percebendo rapidamente a importância de bons pastores orientados para os pobres, São Vicente, comprometia igualmente, seus coirmãos na formação do clero. Compreendemos que as “pessoas mimadas e de visão periférica” possam sentir-se um pouco asfixiadas por um tal programa missionário. Mas, não São Vicente, mesmo com seus 78 anos! Como ele vai dizer várias vezes: “os pobres são nossos mestres e senhores”. Cabe à eles apresentar-se tal como são e a nós de adaptar-nos e converter-nos para nos unirmos à eles onde quer que estejam.

c) AS FILHAS DA CARIDADE

A Companhia das Filhas da Caridade foi fundada em Novembro de 1633 por São Vicente e Santa Luísa de Marillac. Poderíamos acrescentar a estes dois nomes famosos, o de Margarida Naseau: uma pobre camponesa de Suresnes que se apresenta à São Vicente em 1630 para “servir os pobres”. Até então, na lógica

da experiência de Châtillon e também durante sua longa estadia na família dos Gondi, São Vicente se dedicava sobretudo a orientar a generosidade das pessoas mais favorecidas para os pobres. Margarida Naseau, lembrando-lhe frequentemente de sua própria origem pobre e do campo, o conduz a perceber ou pressentir o que chamaríamos hoje do apostolado do meio pelo meio ou a necessidade de encontrar neste meio os recursos de sua própria promoção e de sua salvação. O engajamento de Margarida Naseau, “a primeira Filha da Caridade” segundo São Vicente (IX,77), está certamente na origem da fundação das Filhas da Caridade.

Criada inicialmente para a visita aos pobres doentes em domicílio, no quadro das Confrarias da Caridade de Paris, elas se encontrarão rapidamente nos hospitais, nas escolas pobres, no serviço aos prisioneiros, nos campos de batalha cuidando dos feridos, e em todos os lugares onde existirem pobres.

Encontramos aqui exatamente a mesma evolução ocorrida com as Confrarias e a Congregação da Missão. Decididamente, parece-me que este é o defeito ou melhor, a graça original de todas as fundações de São Vicente: em primeiro lugar, embora curto, o objetivo aparece bem determinado e limitado. Mas, a descoberta das formas, praticamente infinitas, de pobreza no Reino da França e no mundo leva São Vicente a ampliar incessantemente os horizontes dos seus institutos e conseqüentemente, adaptá-los. Aliás, isto não lhe parece ser mais uma preocupação. Numa conferência às Filhas da Caridade de 18 de outubro de 1655, ele mesmo apresenta esta diversificação inacreditável das obras e engajamentos como uma graça e uma espécie de recompensa da Providência!

“Destes-vos, principalmente, a Deus para viver como boas cristãs, para serdes boas Filhas da Caridade, para trabalhar nas virtudes próprias do fim para que fostes criadas, para assistir aos pobres doentes...e, Deus, vendo que elas o faziam tão cuidadosamente, indo procurá-los na sua casa, como fazia Nosso Senhor, a maior parte das vezes, disse: “Estas Irmãs agradam-me; desempenham bem este ofício; QUERO CONFIAR-LHES UM SEGUNDO.” É, minhas Irmãs, o destas pobres crianças abandonadas, que não tinham ninguém que cuidasse delas; e Nosso Senhor quis servir-se da Companhia para esta obra, de que dou graças à Sua bondade. Como Ele visse que tínheis abraçado isto com tanta caridade, disse: “Quero ainda dar-lhes um outro ofício”...É a assistência aos pobres criminosos ou forçados... (Conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 544 e 555)

É assim que São Vicente, com um pouco de humor e muita fé, justifica a diversidade dos compromissos das Filhas da Caridade. Os pobres são inumeráveis e infinitamente diferentes, porém, são nossos “**mestres e senhores**”; compete aos servos e servas à eles se adaptarem.

Assim, sociologicamente, a partir de 1617, o olhar de São Vicente não para de expandir-se e, com ele, os horizontes dessas fundações. Parece estar sempre se recusando a fazer uma escolha entre os pobres, ele aceita a todos, tal como eles o são, em suas situações concretas, em suas necessidades e em seus apelos particulares. Seu olhar está constantemente em expansão e adaptação, como devem também se adaptar suas estruturas e instituições.

2. UM OLHAR UNIVERSAL

Da pequena paróquia de Châtillon... à Madagascar.

Do pobre idoso de Gannes e da família abandonada de Châtillon, São Vicente, atento à Providência que se manifesta nos acontecimentos, chega a sentir-se solidário e responsável praticamente por todas as misérias e injustiças de seu tempo. GEOGRAFICAMENTE o processo é o mesmo e seu campo de consciência vai se estender até atingir os limites da terra.

Em agosto de 1617, os horizontes do Padre Vicente são o da pequena paróquia rural de Châtillon-les-Dombes. No início do ano de 1618, seu território “pastoral e social” estende-se sobre todas as terras dos Gondi, e dez anos mais tarde, em 1º de agosto de 1628, ele escreve ao Papa Urbano VIII, falando dos trabalhos dos primeiros missionários:

“Eles realizam seu piedoso ministério...não somente nas aldeias e povoados situados nas terras dos Gondi, mas ainda em muitas outras partes deste reino de França, como nas Arquidioceses de

Paris e Sens, nas dioceses de Chalons, em Champagne, Troyes, Soissons, Beauvais, Amiens e Chartres, onde eles exercem seus trabalhos para a bem das pessoas pobres...” (I, 59).

E após o Reino da França, será o da Itália, Polônia, Irlanda, Argel, Tunis e finalmente Madagascar em 1648. De agora em diante, a caridade e o olhar de São Vicente terão verdadeiramente encontrado seu campo de responsabilidade e de ação: TODOS os pobres EM TODOS DOS LUGARES EM que estejam.

A fundação da Missão em Madagascar foi certamente, para São Vicente, uma etapa muito importante e uma revelação do gênero do tipo de Folleville e de Châtillon. Foi então que sua caridade assumiu as dimensões da Igreja e do mundo dos pobres. E, até sua morte, ele vai se preocupar muito com a universalidade do olhar e da total disponibilidade dos seus discípulos. Um padre da Missão que não está preparado para partir à Madagascar não passa de uma carcaça de missionário e de um covarde.

Em 30 de agosto de 1657, recebe a notícia que, de todos os padres que foram enviados para a grande Ilha, somente um sobreviveu, os outros foram vítimas de naufrágios (a viagem durava mais de seis meses) ou vítimas da febre, logo após sua chegada. E São Vicente interpela sua comunidade:

“Alguns membros desta Companhia talvez digam que deveríamos abandonar Madagascar. Assim falam a carne e o sangue; dizem que não deveríamos mais enviar homens para lá, mas estou certo de que não é o Espírito que diz isso... O que, Senhores? Deixaríamos o nosso bom Padre Bourdaise sozinho?... seria possível se fôssemos medrosos e afeminados para abandonar esta vinha do Senhor onde sua divina Majestade nos chamou, só porque quatro, cinco ou seis são mortos! Digam-me, o que seria de uma bela armada, que por ter perdido dois, três, quatro ou cinco mil homem...abandonasse tudo! Seria bom ver um exército assim, feito de covardes e fugitivos! Digamos o mesmo da Missão: seria uma bela Companhia, esta da Missão, se por causa de cinco ou seis mortos ela abandonasse a obra de Deus; Companhia indolente, presa à carne e ao sangue! Oh! Não, eu não acredito que, na Companhia, exista um somente que tenha tão pouca coragem que não esteja disposto a ir preencher os lugares daqueles que estão mortos. Não duvido que a natureza, no começo, nos faça tremer, mas o espírito que nos sustenta, diz: “Eu o quero, Deus me deu o desejo, não, isso não será capaz de me fazer abandonar esta resolução” (XI, 420-422)

Efetivamente, os voluntários jamais faltaram para preencher os vazios na Missão. Madagascar foi assim, ao mesmo tempo, a obsessão e a grande paixão de São Vicente durante os últimos anos de sua vida. Alguns meses antes de sua morte, ele escreveu ao Padre Bourdaise, que tinha falecido já há dois anos, mas como as comunicações eram tragicamente incertas, disse:

“Inicialmente, Padre, falo apenas da apreensão que temos de que vós não estejais mais nesta vida mortal, tendo em vista o pouco tempo que vossos coirmãos que vos precederam, acompanharam e seguiram, viveram nesta terra ingrata, que devorou tantos bons operários enviados para desbravá-la. Se estais ainda vivo, oh! Que nossa alegria será grande quando disto tivermos a certeza”

E terminou a carta assim:

“Peça também, ao Senhor por mim, pois, não permanecerei mais muito tempo, por causa da minha idade, que já passa dos oitenta anos e as dores nas minhas pernas, que não querem mais me sustentar. Morreria contente, se soubesse que vós viveis ...”(VIII, 156-160)

É impressionante o olhar deste homem, já idoso, fixado na Ilha tão distante como a de Madagascar, quando tantas fundações, tantas obras e tantas urgências o solicitavam na França e em outros lugares do mundo. Ele está bem longe do tempo, onde sonhava permanecer o bom pároco do campo. De acordo com a divisa que deixou para as Filhas da Caridade “Caritas Christi urget nos” (a Caridade de Jesus Cristo nos impele), a caridade de Cristo sempre impeliu para ir mais longe e sentir-se responsável por TODOS OS POBRES, quaisquer que sejam, tal como eles são e onde quer que estejam...EM TODA PARTE, como disse um dia às Filhas da Caridade:

“É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir aonde Deus quiser; se for para África, para África, para o exército, (para cuidar dos feridos) para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para ali” (Conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 547).

“Minhas Irmãs, prometei a Deus, agora mesmo, que ireis POR TODA PARTE aonde vos enviarem. Uma Irmã dirá: “A Vós me entrego, como uma criança que se abandona nos braços do pai, para fazer a Vossa Santa Vontade. Estou em Metz ou na Grâce; se quiserdes, sou de Metz ou de Cahors, ou seja onde me quiserdes...” (Conf. de 9 de junho de 1658, pág.786).

Lembremos que um dia São Vicente ironizou as pessoas que “tem uma visão pequena, que se limitam às suas ideias e seus planos e circunferências, onde se fecham”...O olhar de São Vicente era de grande amplitude, e no entanto, ele soube conservar sempre uma extraordinária atenção à pessoa do pobre, à sua própria dignidade, ao seu sofrimento particular. Somente expandindo e universalizando seu olhar, não cessou de aprofundar e, sentimos aqui, sem dúvida, o centro de sua experiência e a própria fonte de sua caridade.

3. UM OLHAR QUE SE APROFUNDA

Do pobre à Jesus Cristo, de Jesus Cristo ao pobre

A caridade do Padre Vicente é um pouco a imagem do famoso e velho carvalho próximo da casa de Ranquines. Ela se estende e multiplica infinitamente seus ramos para que regular e vigorosamente sustente e fortifique suas raízes.

De fato, à medida que o olhar de São Vicente se estende a todas as categorias do pobre e aos pobres do mundo inteiro... até Madagascar...este olhar sobre o pobre se aprofunda até encontrar o próprio Jesus Cristo.

No famoso ano de 1617, o pobre idoso de Gannes e a pobre família doente de Châtillon, evidentemente, são antes de tudo, para São Vicente, seres humanos numa situação concreta de miséria e de abandono. É diante desta angústia bem concreta que ele age imediatamente.

Mas, estas pobres pessoas parecem-lhe rapidamente outras e mais do que seres humanos. Ao encontrá-los, ele tem a impressão, óbvia de ter, de alguma maneira, encontrado Jesus Cristo.

Durante sete anos, ele se interrogava e multiplicava suas experiências: abade da corte, pároco de Clichy, preceptor da grande família... não chegando a sacrificar verdadeiramente seu projeto de “uma aposentadoria honesta”. Aconselhava-se com os mestres espirituais mais ilustres, tal como Bérulle, mais permanecia na dúvida e no desconforto. E eis que dois encontros sucessivos, com os pobres, num espaço de apenas seis meses, dão-lhe uma luz inesperada que se revela capaz de forçá-lo a mudar radicalmente o olhar e a vida. Em Folleville como em Châtillon, ele está cada vez mais convencido de que Deus interveio de alguma forma na sua vida e interveio através dos pobres.

São Vicente lembra e afirma esta evidência de uma intervenção de Deus, cada vez que evoca os acontecimentos de Gannes-Folleville e de Châtillon:

“Ai de mim! Padres e meus irmãos, jamais alguém havia pensado nisto, não sabíamos o que eram as missões, não pensávamos nisto, nem ao menos sabíamos o que era, e foi lá que RECONHECEMOS QUE É UMA OBRA DE DEUS” (XI, 169).

“Vós chamareis de humano o que a compreensão humana não poderia prever e o que a vontade não desejou nem procurou de modo algum? (parece ser verdadeiro que em janeiro de 1617, São Vicente estava bem longe de imaginar que consagraria toda sua vida à evangelização dos pobres!) O pobre Padre Portail (seu primeiro companheiro na Missão) não tinha pensado: eu também não tinha pensado, tudo isso aconteceu *CONTRA TODA MINHA ESPERANÇA* e sem que eu pudesse sonhar de alguma maneira” (XII,7).

E para provar a incontestável intervenção de Deus neste assunto, ele conta novamente o acontecimento providencial de Gannes-Folleville.

Mesma reação, mesma certeza que o acontecimento de Châtillon que, à médio prazo, foi a origem da fundação das Filhas da Caridade.

“Pode-se, na verdade, dizer que *FOI DEUS* que fez a vossa Companhia. Ainda hoje pensei nisso e perguntava a mim mesmo: “Foste tu que pensaste em formar uma Companhia de meninas? Oh! Não. Foi então a Senhora Le Gras? Tão pouco. Posso, na verdade, dizer-vos que nunca pensei nisso ...*ERA DEUS* e não eu” (Conf. de 22 de janeiro de 1945, pág. 141).

E para o provar, São Vicente retoma a história de Châtillon.

Portanto, parece claro para São Vicente que Deus se manifestou à ele em Folleville e em Châtillon *na pessoa dos pobres*. Ele sabe, pela experiência, que lhe concerne, que Deus fala e *SE REVELA DE PREFERÊNCIA, NOS POBRES*. Ele dirá um dia às Filhas da Caridade:

“Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres. *E ISTO É TÃO VERDADE COMO ESTARMOS AQUI*” (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 170).

Estas últimas palavras nos dão uma ideia do extraordinário realismo com o qual vai viver esta presença de Jesus Cristo nos pobres.

Estas experiências, que podem ser qualificadas como “místicas”, de Folleville e Châtillon, São Vicente tentou, mais tarde, compreendê-las e apresentá-las sobretudo, à luz de duas passagens do evangelho.

Pelo que viveu em Gannes-Folleville, ele se refere de preferência a Lucas 6,18: Jesus retorna para Nazaré, no início de sua vida pública, e entra na sinagoga e lê, diante da assembleia, um texto do profeta Isaías:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e *ENVIU-ME PARA ANUNCIAR A BOA NOVA AOS POBRES*, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. E enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga, tinham os olhos fixos nele. Então, começou a dizer-lhes: “*HOJE* se cumpriu essa passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4, 18-21).

Para São Vicente, após a experiência de Gannes-Folleville, este texto do Evangelho afirma claramente que Jesus Cristo veio para evangelizar os pobres, libertar os cativos e oprimidos. Prioridades da “missão” de Jesus Cristo, os pobres devem ser as prioridades da Igreja de Jesus Cristo. Os pobres são, frequentemente, abandonados tanto pela Igreja como pela sociedade. Jovem padre, o próprio Vicente, durante dezessete anos, buscou, preferencialmente, estar ao lado dos ricos e dos grandes. A experiência de Gannes-Folleville lembrou-lhe, brutal e providencialmente, as prioridades do Evangelho. À imagem e em seguimento de Jesus Cristo, ele se consagrará portanto aos “proprietários”: aos pobres, aos cativos, aos oprimidos e trabalhará, sem descanso, para conduzir a Igreja do seu tempo à sua vocação primeira: a evangelização dos pobres.

Por volta de 1620, quando pregava as missões nas aldeias situadas nas terras dos Gondi, um acontecimento fez com que São Vicente mergulhasse ainda mais na leitura desta passagem do Evangelho de Lucas. Encontra um protestante que o interpela nestes termos :

“*Padre, disseste-me que a Igreja de Roma é conduzida pelo Espírito Santo, mas não posso crer nisto, porque, de um lado, vemos os católicos do campo entregues à pastores corrompidos e ignorantes, sem instrução para os seus deveres, sem que a maioria conheça o que é a religião cristã; e do outro lado, vemos*

as cidades plenas de padres e de monges que nada fazem; e talvez em Paris encontremos dez mil, que deixam, no entanto, esta pobre gente do campo na ignorância...e vós desejais me convencer que isso está sendo conduzido pelo Espírito Santo? Nunca acreditarei...” (XI,34)

É o próprio São Vicente que relata esta lembrança aos seus coirmãos e pode-se facilmente imaginar que esta violenta contestação do protestante o sensibiliza... Há três anos, ele ainda estava com este número de dez mil sacerdotes "*não fazendo nada e longe da pobre gente do campo!*".

No ano seguinte, São Vicente volta a esta região para pregar a missão; o protestante estava presente e por sua vez, ficou impressionado com a maneira como falavam à pobre gente e com o cuidado que eles tinham em servi-los corporal e espiritualmente.

“ Agora, confessou, vejo que o Espírito Santo conduz a Igreja romana, porque cuida-se da Instrução e da salvação dos pobres aldeões...” (XI,36).

São Vicente conclui assim esta história:

"Oh! que felicidade para nós missionários constatar a conduta do Espírito Santo sobre a sua Igreja, TRABALHANDO, como nós o fazemos, na INSTRUÇÃO e SANTIFICAÇÃO DOS POBRES! (XI, 37.)

Este evento, certamente, o ajudou a compreender melhor e aprofundar a sua vocação. Somente, quando a Igreja se volta, com prioridade, para os pobres é que ela é fiel à sua vocação. E se consagrando à evangelização dos pobres, São Vicente está convencido que ele se situa, sem dúvida, na linha da missão de Jesus Cristo.

Com uma outra passagem do Evangelho, o olhar de São Vicente sobre o pobre se aprofunda ainda mais. Trata-se de Mateus 25,31-46. Os apóstolos pediram esclarecimentos sobre a entrada no Reino e Jesus fala do “juízo final”:

“Então o Rei dirá aos que estão à direita: - Vinde, benditos de meu Pai... porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim...”

Surpresos, os “eleitos” perguntam quando foi que eles o visitaram, vestiram, alimentaram, cuidaram dos pobres e Jesus acrescenta:

“O Rei responderá: Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, FOI A MIM MESMO QUE O FIZESTES”

Esta passagem do Evangelho de São Mateus é mencionado na Ata oficial que institui a primeira Confraria da Caridade (XIV, 126) e parece que este texto foi, para São Vicente como a "luz de Châtillon" que permitiu-lhe compreender e aprofundar o acontecimento que viveu. Lembremos que em 20 de agosto de 1617, vieram ao seu encontro, antes da missa do domingo, para falar-lhe de uma família pobre, que morava um pouco distante da cidade e que estava contaminada por uma doença. Sua homilia na missa, foi um apelo para essa pobre família e a resposta da paróquia foi inesperada. Daí a fundação da primeira Confraria da Caridade: “Tive fome e Me destes de comer, estive doente e Me visitastes...”

Podemos observar facilmente a aproximação entre o texto do Evangelho e o fato. São Vicente o percebeu e, melhor o vivenciou. Ele levou o Evangelho ao “pé da letra” e tentou vivenciá-lo diariamente em suas relações com os pobres. Sem dúvida, é aí que seu olhar atinge sua verdade profunda: *o pobre é Jesus Cristo.*

“..servindo, aos pobres, serve-se a Jesus Cristo... Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres. E isto é tão verdade como estarmos aqui. Uma Irmã poderá ir dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes por

dia encontrará a Deus... Ides ver os pobres agrilhoados, aí encontrareis Deus: tratais das pobres crianças, aí encontrareis a Deus... Ides às casas pobres, mas lá encontrais a Deus” (Conf. de 13 de fevereiro de 1646, pág. 170).

Para São Vicente, não se trata de fórmulas espirituais fáceis, são um eco vivo de uma experiência pessoal, profunda. O eco de Gannes-Folleville e de Châtillon, se escuta toda vez que ele se encontra um pobre doente, um forçado, uma criança abandonada... Esta convicção, podemos dizer, esta *EVIDÊNCIA*, de uma misteriosa solidariedade entre o pobre e o Cristo, uma espécie de identificação de um com o outro, modifica e renova definitivamente o olhar de São Vicente.

Assim, sua caridade, sua maneira personalizada de servir os pobres evitarão, com frequência, a tentação do “paternalismo”, mesmo se os costumes da época, possam parecer-nos hoje, curioso. Estando Jesus Cristo no pobre, e sendo o pobre... só podemos nos apresentar diante do pobre, pensa São Vicente, na condição de servos e servas. Isto é uma espécie de revolução de mentalidade, sobretudo, no século XVII. As Damas da Caridade, os padres da Missão, as Filhas da Caridade, não são pessoas de posses, mestres condescendentes, benfeitores que partilham ou que se dedicam aos pobres. Eles são servos e servas que, como diz o salmo, “*eleva seus olhos para seus mestres.*” São Vicente insiste muito sobre este ponto e é provável que esta inversão de comportamento e de mentalidade, no exercício da caridade cristã, tenha feito muito mais benefício à Igreja e ao mundo que as inúmeras fundações e associações suscitadas por São Vicente.

Esta mudança de atitude é, na verdade, para ele, a consequência lógica de uma convicção, de uma experiência: Jesus Cristo está nos pobres, o pobre, de qualquer maneira, é Jesus Cristo.

Nesta nova perspectiva, há o risco que fazer do serviço dos pobres uma espécie de ato de devoção, uma “boa ação”, uma busca espiritual mais ou menos desinteressada. Em São Vicente, isto não acontece. Ele conheceu, “*por experiência e por natureza*”, a condição dos pobres e jamais seu encontro com Jesus Cristo no pobre incomodou, diminuiu sua atenção para a situação concreta, humana e social dos pobres, nem seu senso de dignidade da pessoa dos pobres.

O olhar de São Vicente aprofunda-se a ponto de reencontrar verdadeiramente, Jesus Cristo nos pobres, mas sem jamais obscurecer por esta razão, a realidade nem os valores dos pobres.

Ao final de estudo, resta ainda sublinhar um aspecto, talvez, o mais característico, do olhar de São Vicente sobre o pobre: a unidade, ou para usar o seu próprio termo: “*a simplicidade*”

O período que precedeu o grande ano de 1617 nos revelou um Vicente de Paulo complicado, duvidando de tudo, sobretudo de si mesmo, multiplicando as tentativas e as experiências de maneira muito incerta, confusa. Após Folleville e Châtillon, porque ele decidiu consagrar-se à evangelização e ao serviço dos pobres, de repente tudo parece unir-se, simplificar-se em sua personalidade e em sua vida. Tudo se coordena e se organiza, progressivamente, em torno desta convicção: *Jesus Cristo está no pobre; o pobre é Jesus Cristo*”.

Assim, instaura-se uma maravilhosa e natural *continuidade* entre fé e engajamento, entre oração e vida, entre dois mundos que, muitas vezes, são considerados distintos, se não separados. Para São Vicente, o Cristo que buscamos na oração está também no pobre, não há mais dificuldade. Ele diz às Filhas da Caridade :

“Minhas Filhas, o serviço dos pobres deve ser *SEMPRE* preferido a *TUDO O MAIS*. Podeis mesmo, por causa deles, deixar de ouvir a santa missa nos dias de festa, mas somente em caso de grande necessidade.... Deste modo estareis certas de ser fiéis às regras, e mas ainda, pois a obediência é considerada por Deus como sacrifício. É a Deus que quereis servir, minhas Filhas. Julgais que Deus é menos

justo que os senhores da terra ? Se o amo diz ao seu criado: “Faze isto”e, antes de executar a esta ordem, pede outra coisa, não acha mal que o criado deixe o que lhe foi ordenado em primeiro lugar para cumprir a segunda ordem; pelo contrário, fica mais contente assim. O mesmo acontece com Nosso Senhor. Chamou-vos a uma Companhia para o serviço dos pobres ; e para o vosso serviço Lhe ser agradável deu-vos umas regras; na ocasião em que as praticais, chama-vos a outro lugar; ide logo, sem duvidar que seja essa a vontade de Deus (Continuação da Conferência de 22 de janeiro de 1645 - sobre a prática do regulamento, pág. 146)

Observamos, neste contexto, a facilidade, a espontaneidade desconcertantes com a qual São Vicente confunde o Deus que fala nas regras, o Deus que encontramos na oração e na missa...e o Deus que chama nos pobres. De acordo com São Vicente, é o mesmo Mestre que, primeiro pede uma coisa e em seguida, pede uma outra. Neste caso, de acordo com a expressão bastante conhecida e significativa de São Vicente: “*e deixar Deus por Deus*”, o Deus da missa, pelo mesmo Deus presente no pobre.

Assim, na vida daquele que crê, tudo é unificado e no discípulo de São Vicente tudo deveria ser simples: o pobre está presente na sua oração e o Cristo está presente no pobre que serve.

Foi assim que o olhar de Vicente de Paulo tornou-se tão simples quanto rico e profundo. *Foi assim que São Vicente de Paulo viu o pobre*, e podemos compreender o que um dia foi capaz de dizer aos seus missionários:

“ ...Virai a medalha e vós vereis pelas luzes da fé que o Filho de Deus que quis ser pobre, nos é apresentado por esses pobres...! Ó Deus, como é belo VER os pobres se os consideramos em Deus e com a estima que Jesus Cristo tinha por eles!” (SV XI, 32)

Padre Jean MORIN, cm

FONTES E ATUALIDADES

A Igreja

“*Não espere que Deus envie um anjo para vos esclarecer ainda mais, pois, Ele não o fará : ele vos reenviara à Igreja...*” (VI, 268).

Todos os homens formam um corpo místico

“*Todos os homens formam um corpo místico. Somos todos os membros uns dos outros. Jamais se escutou que um membro, nem mesmo entre os animais, tenha sido insensível a dor de um outro membro ; que uma parte do homem seja ferido, machucado, ou agredido, e que os outros não tenham sentido. Isto não é possível. Todos os nossos membros têm tanta simpatia e relação que a dor de um é o mal do outro. Quanto mais, os cristão, sendo membros de um mesmo corpo e membros um dos outros devem partilhar suas penas. O que! Ser cristão e ver seu irmão aflito, sem chorar com ele, sem estar doente com ele, é ser sem caridade : é ser cristão de pintura; é não ter humanidade, é pior que os animais*” (XII, 271).

Operários que trabalham

“A Igreja é comparada a uma grande seara que requer operários, mas *Operários que trabalhem*. Não há nada mais coerente com o Evangelho que acumular de um lado luzes e forças para sua alma, na oração, na leitura e na solidão e, *em seguida, ir compartilhar com os homens este alimento espiritual*” (XI, 41).

Homens evangélicos.

“A Igreja tem muitas pessoas solitárias... muitos inúteis, e, mais ainda, que a destroem. Sua grande necessidade é de ter **HOMENS EVANGÉLICOS** que trabalhem para purificá-la, iluminá-la e uni-la a seu divino esposo” (III, 202).

Verificar a orientação do Espírito Santo sobre a sua Igreja.

“Oh! Que felicidade a nossa de missionários, ao *verificar* a orientação do Espírito Santo sobre sua Igreja, *trabalhando*, como fazemos, instruindo e santificando os *pobres*” (XI, 37).

Podeis amar a Deus tanto quanto os Padres

“...nem a dignidade, nem a idade, não dá o mérito ao homem, mas as obras que o tornam mais semelhante a Nosso Senhor. É através delas que ele se aperfeiçoa...Isto é demonstrado no Evangelho do julgamento final onde Nosso Senhor coloca à sua direita aqueles que trabalharam as virtudes e principalmente a virtude da caridade, e são estes somente que entrarão no Reino dos Céus. Portanto, é a prática das virtudes que nos une ao seu amor, e seu amor é que nos conduz a realizar ainda ações virtuosas.

Se amais a Deus, agireis da mesma maneira. Ora, *podeis amar a Deus tanto quanto os padres*, e uma pobre mulher tanto quanto os eruditos” (XII, 100).

Não é a qualidade...mas sim a caridade.

“Quando um padre celebra a Missa, devemos acreditar e saber que é o próprio Jesus Cristo, Nosso Senhor, o principal e soberano sacerdote, que oferece o sacrifício; o padre é apenas o *ministro de Nosso Senhor*...Ora, o assistente que serve o padre e os que escutam a missa, participam como o padre, do sacrifício que faz e que o fazem com ele...? Sem dúvida, *eles participam e mais do o padre, se tiverem mais caridade que ele*...*Não é a qualidade do padre ou do religioso* que faz com que as ações sejam mais agradáveis a Deus e tenham mais mérito, mas **A CARIDADE**, se eles a tiverem maior do que nós (XII, 375).